

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO DE MESTRADO

GIOVANA GUZZO FREIRE

FORMAÇÃO DO PSICANALISTA NO CONTEXTO SOCIAL-HISTÓRICO:  
DE FREUD E LACAN A AULAGNIER E CASTORIADIS

CAMPO GRANDE  
2015

Giovana Guzzo Freire

FORMAÇÃO DO PSICANALISTA NO CONTEXTO SOCIAL-HISTÓRICO:  
de Freud e Lacan a Aulagnier e Castoriadis

Dissertação apresentada como requisito final para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

Área de concentração:

Orientador: Prof. Dr. David Victor-Emmanuel Tauro

Campo Grande  
2015

Giovana Guzzo Freire

FORMAÇÃO DO PSICANALISTA NO CONTEXTO SOCIAL-HISTÓRICO:  
de Freud e Lacan a Aulagnier e Castoriadis

Dissertação apresentada como requisito final para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. David Victor-Emmanuel Tauro (UFMS/Orientador)

---

Prof. Dr. Henrique de Oliveira Lee (UFMT)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Inara Barbosa Leão (UFMS)

---

Prof. Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório (UFMS/membro suplente)

*Aos meus pais, pelo carinho e incentivo aos estudos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos que contribuíram com ideias desde a realização do projeto de pesquisa até a finalização da dissertação. Os incentivos vieram de várias formas: com empréstimos de livros, telefonemas, consultorias e, especialmente, conversas que me mostraram como as palavras podem caber na leveza de um lenço e estão entrelaçadas com nossos desejos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. David-Victor Emmanuel Tauro, pelo respeito, incentivo, transmissão do saber, paciência, pelas orientações e, por fim, pela amizade.

Agradeço ao Grupo de Trabalho Cornelius Castoriadis (GTCC), do curso de graduação em Ciências Sociais da UFMS. Pelo acolhimento que sempre tiveram comigo e pelos questionamentos e discussões com o trabalho que eu apresentava durante os encontros.

A Robson Verão, pelo estímulo aos estudos, pela ajuda teórica, pelos colos receptivos, pela escuta, pelos abraços calorosos e enorme paciência.

Pelos dedos de prosa e debates profícuos, troca de emoções e gargalhadas com os colegas do mestrado, em especial, Antônio Garcia Neto, pois juntos participamos de eventos como ouvintes e como organizadores, trabalhando pela psicanálise, em intenção e extensão.

Aos que já estão comigo há alguns anos, pelas importantes observações e sugestões, sempre me oferecendo todo tipo de atenção para que fosse possível meu percurso psicanalítico: Marilene Kovalski, Norma Celiane Cosmo e Flávio Adriano Nantes.

Ao Conselho Regional de Psicologia de Mato Grosso do Sul, que compreendeu minha ausência em algumas atividades enquanto conselheira, para a dedicação da pesquisa no mestrado.

Muitos são os meus agradecimentos pelos momentos em que estive com pessoas queridas, presencialmente ou virtualmente, sempre dispostas a contribuir e ouvindo-me falar sobre o sonho em fazer o mestrado.

“E possamos nós, os que ficamos,  
desenvolver até o fim, sem atropelos,  
nosso trabalho nas profundezas.”

(FREUD, 1914/1996, p. 73)

## RESUMO

Formação do Psicanalista no Contexto Social-histórico: de Freud e Lacan a Aulagnier e Castoriadis, é um estudo que tem como objetivo compreender os fundamentos das escolas de psicanálise e o processo, as condições que envolvem a formação do psicanalista. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com aporte teórico em Sigmund Freud e Jacques Lacan, em um percurso pela história do movimento psicanalítico, desde a fundação da primeira sociedade de formação e transmissão da psicanálise, acompanhando a trajetória das escolas fundadas por Jacques Lacan e pelos seus seguidores Piera Aulagnier e Cornelius Castoriadis, escolhidos para dar suporte e ampliar a discussão sobre o tema, cuja ideia emergiu de reflexões e das próprias vivências e experiências dos atendimentos clínicos. Algumas indagações, resultantes dessas ações, impulsionaram a pesquisa: Como se forma um psicanalista? Existe uma entidade superior de onde emanam as normas que abrem o caminho para a atuação de psicanalista? Como é feita a transmissão do saber psicanalítico, nas instituições que se destinam à formação de um analista? Tendo como ponto de partida esses questionamentos, pretende-se que este estudo sirva para ampliar a compreensão do controverso debate acerca da formação do psicanalista, razão por que se julga relevante a pesquisa.

Palavras-chave: Formação do psicanalista. Movimento Psicanalítico. Escolas de Psicanálise.

## **ABSTRACT**

Psychoanalyst formation in social-historical context: Freud and Lacan to Aulagnier and Castoriadis aims to understand the basics of the schools of psychoanalysis and the conditions of the formation of the psychoanalyst. It is a bibliographical research whose theoretical contribution is on Sigmund Freud and Jacques Lacan, covering the history of the psychoanalytic movement, since the founding of the first society of training and transmission of psychoanalysis, following the route of the schools founded by Jacques Lacan and his followers Piera Aulagnier and Cornelius Castoriadis, chosen to broaden the understanding of the topic and build a critical opinion. Thoughts on the subject and his own experiences have generated some analyst inquiries that boosted the research: how does one become a psychoanalyst? Is there a higher instance that dictates the rules and opens the way to become a psychoanalyst? How is the transmission of knowledge in psychoanalytic institutions realized so that professional analysts will be able to realize their own career choices, from his desire to analyze the other? After training, does one wish to answer the psychoanalyst by agreeing to take his place? Having these questions as a starting point, the intent was to contribute to the studies of the theory and the clinic on the controversial debate of analyst training.

**Key words:** Psychoanalyst's Formation. Psychoanalytic Movement. Schools of Psychoanalysis.

## LISTA DE SIGLAS

APSAA	<i>American Psychoanalytical Association</i> Associação Psicanalítica Americana
AE	Analista da Escola
AME	Analista Membro da Escola
APF	Associação Psicanalítica da França
WPV	<i>Wiener Psychoanalytische Vereinigung</i> Associação Vienense de Psicanálise
DPG	<i>Deutsche Psychoanalytische Gesellschaft</i>
EFP	<i>École Freudienne de Paris</i> Escola Freudiana de Paris
IPA	<i>International Psychoanalytical Association</i> Associação Internacional de Psicanálise
IPV	<i>Internationale Psychoanalytische Vereinigung</i>
NYPS	<i>New York Psychoanalytic Society</i> Sociedade Psicanalítica de Nova York
OPLF	<i>Organisation Psychanalytique De Langue Française/</i> Organização Psicanalítica de Língua Francesa
RFP	<i>Revue Française De Psychanalyse</i> Revista Francesa de Psicanálise
SFP	Sociedade Francesa de Psicanálise
SPP	Sociedade Psicanalítica de Paris

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 INTERFERÊNCIA DAS GRANDES GUERRAS NA PSICANÁLISE.....</b>	<b>19</b>
<b>3 O MOVIMENTO PSICANALÍTICO E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA FORMAÇÃO DO PSICANALISTA.....</b>	<b>26</b>
3.1 SIGMUND FREUD E A FORMAÇÃO DO PSICANALISTA.....	27
3.2 SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PARIS (SPP).....	39
<b>4 JACQUES LACAN E A FORMAÇÃO DO PSICANALISTA.....</b>	<b>43</b>
4.1 AS ESCOLAS FUNDADAS POR JACQUES LACAN.....	46
4.1.1 Escola Freudiana de Paris (EFP): a revolução do Movimento Psicanalítico Francês de 1964.....	47
4.1.2 A dissolução da Escola Freudiana de Paris (EFP).....	56
<b>5 A FORMAÇÃO DO PSICANALISTA NA ORGANIZAÇÃO PSICANALÍTICA DE LÍNGUA FRANCESA (OPLF).....</b>	<b>59</b>
<b>6 FORMAÇÃO DO PSICANALISTA PARA PIERA AULAGNIER E CORNELIUS CASTORIADIS.....</b>	<b>64</b>
6.1 PIERA AULAGNIER (1923-1991).....	64
6.1.2 Formação e desejo do psicanalista na teoria de Aulagnier.....	70
6.1.3 Técnica psicanalítica.....	75
6.2 CORNELIUS CASTORIADIS (1922-1997).....	76
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A ideia desta pesquisa despontou a partir de uma inquietação acerca da formação psicanalítica. Alguns questionamentos sobre formação e desejo do analista surgiram ao longo da trajetória da autora com a psicanálise, do desejo pessoal de obter formação específica e titulação como psicanalista, da prática de atendimento clínico por meio da escuta de pacientes, e da participação, como cartelizante, no cartel cujo tema central é o desejo do analista e suas variantes. Desse modo, destaca-se como objeto da pesquisa a formação do analista, empreendendo-se um passeio pelos aspectos social-históricos influentes e o próprio desejo do analista.

Após as primeiras conversas com o orientador, a possibilidade de realizar uma pesquisa sobre esse tema, conquanto não fosse inédita, trouxe certo encantamento pela expectativa de compreender e estudar a teoria com a qual já existia identificação e que já era utilizada na atividade profissional.

Existem vários trabalhos já publicados e ideias manifestadas sobre a formação do analista na escola de Sigmund Freud e Jacques Lacan, razão por que se considera importante manter esses teóricos, acrescentando-se, também, Piera Aulagnier e Cornelius Castoriadis. Estes seguiram Lacan durante a formação psicanalítica e depois tiveram seus próprios pensamentos sobre técnica de atendimento e sobre a formação de um psicanalista. Diferenciados do pensamento de Lacan, fundaram outra instituição, a Organização de Psicanálise de Língua Francesa (OPLF).

O tema sobre formação do psicanalista é bastante discutido por sua pluralidade de instituições formadoras que sempre se questionam sobre a prática do psicanalista. Em função da complexidade de se fechar uma resposta e das múltiplas literaturas elucubrando sobre o tema que desde Freud, há preocupações e impasses para manter a formação e a transmissão da psicanálise, é que nasceu a ideia de se pesquisar sobre o tema formação do psicanalista e seus dispositivos necessários.

Este trabalho não pretende encerrar um estudo sobre os dispositivos de formação do psicanalista; entende-se, porém, que se deva oferecer um trabalho de reflexão ao leitor, para que possa contribuir com as referências sobre o tema que ele quer estudar, sem o intuito de substituir alguma discussão, mas sempre de fomentar e abrir novos caminhos ao pensamento e estudos com este tema.

Procura-se investigar o sentido inicial de formação do psicanalista, desde a época de Freud, passando pela Escola de Lacan e pelo pensamento de Castoriadis, notável pensador grego, que teve sua formação na França como filósofo, economista, socialista e psicanalista. Teve o intuito de tornar a psicanálise como um projeto revolucionário, que pode ser entendido como um elemento da atividade humana que ajudou a pensar a concretização dos objetivos e mediações da atividade humana no âmbito coletivo e individual, tanto em suas relações com o saber e como com as instituições.

O aspecto relevante da pesquisa está em observar que não se pode prescindir dos estudos da história do movimento psicanalítico. É necessário lembrar, ainda que de modo breve, o que acontecia social e historicamente na Europa enquanto nascia a psicanálise. E mais, quais os percalços, quais impedimentos aconteceram nesse momento em que se fundavam escolas e como isso influenciou na fundação das instituições. Para isso, utilizam-se as teorias de Roudinesco e de Castoriadis, que nos trazem aporte teórico e histórico ao tema.

Desde o nascimento da psicanálise com Sigmund Freud até a atualidade da Escola de Jacques Lacan e da Organização Psicanalítica de Língua Francesa fundada por Piera Aulagnier e Cornelius Castoriadis, discute-se o tema da formação do psicanalista. Seguidos sempre de três exigências para se formar um psicanalista: a realização da análise pessoal, o aprofundamento e a continuidade nos estudos teóricos e, a supervisão dos casos clínicos.

Esse trio de dispositivos é internacionalmente considerado pelas entidades de formação psicanalítica como uma obrigação para se tornar um psicanalista. Há constante revisão desses itens pelas instituições de psicanálise durante os congressos e os eventos. Conhecido também como tripé psicanalítico, devido sua importância, é o único que se iguala em todas as instituições que se propõe a formar um psicanalista desde a época de Freud até a atualidade do século XXI.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com embasamento teórico na obra de Sigmund Freud (1856-1939) e Jacques Lacan (1901-1981), com a intenção de compreender a história do movimento psicanalítico, desde a fundação da primeira sociedade de formação e transmissão da psicanálise, acompanhando o percurso das organizações francesas seguidas e criadas por Jacques Lacan e pelos seus seguidores Piera Aulagnier e Cornelius Castoriadis. Para tanto, traçou-se o objetivo de compreender os fundamentos das escolas de psicanálise e o processo, e as condições que envolvem a formação do psicanalista.

Aulagnier acompanhou o percurso da fundação da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) até a escola fundada por Lacan, Escola Freudiana de Paris (EFP) separando-se,

posteriormente, e fundando a Organização Psicanalítica de Língua Francesa (OPLF). Após seguir Lacan em trabalhos orais e escritos, priorizou seus próprios conceitos como a gênese e o funcionamento do Eu em suas relações com outros modos de funcionamento psíquico, denominando como processo originário e processo primário e salientando as funções do Eu sobre pensar e investir, contribuindo com reflexões sobre a formação em psicanálise.

Tanto Aulagnier quanto Castoriadis mantêm alguns conceitos de Freud e Lacan e ressaltam a função identificatória do discurso e do desejo na formação do psicanalista. As questões relacionadas à formação do psicanalista, ao contexto em que estão inseridas, aos participantes do movimento psicanalítico e o clássico tripé da formação citado anteriormente - análise pessoal, estudo teórico e supervisão - assumiram contornos próprios e particulares de cada organização, ao longo do tempo.

No primeiro capítulo deste trabalho, a abordagem atém-se à relação do surgimento da Psicanálise com o nascimento das organizações de formação do psicanalista, cujo objetivo era compreender e regulamentar esta formação, os meios de transmiti-la e entender as investigações clínicas que incentivaram Freud a escrever sua obra.

Para compreender o que é necessário na formação do psicanalista e na prática da análise, e, também, sobre a formação continuada na área, seguem-se os capítulos dois e três, que abordam sobre as organizações fundadas em nome da Psicanálise para esse fim, seguindo a teoria de Sigmund Freud, de Jacques Lacan, trazendo um relato sobre a história do movimento psicanalítico francês, a criação das escolas fundadas por Lacan e suas dissidências.

O princípio de Lacan (2003, p. 243) - “o analista não se autoriza senão por si mesmo” - é uma condição elementar e primordial para a operação de analista. Na escola lacaniana, o que qualifica a eficiência específica não é somente a autoridade teórica, nem o pertencimento a uma associação de pares ou a aplicação de uma cartilha técnica.

Isso denota, primeiramente, que, para a formação do analista, o sujeito tem que se responsabilizar pela sua própria análise pessoal, deformar seu conhecimento do senso comum e vislumbrar, junto a isso, o estudo teórico e o tratamento do paciente com supervisões. Durante a formação, o psicanalista tem que passar por uma escola: “Isso não impede que a Escola garanta que um analista depende de sua formação”.

Na análise de Fingermann (2015), é necessário que o psicanalista suporte sua própria travessia analítica e todos os sentimentos que advêm daí: a solidão, o risco e a aposta no tratamento de si e do paciente. O fato de autorizar-se de si mesmo constitui uma prova e

também uma permanência com a formação continuada. Assim como Freud estabeleceu o tripé de formação, Lacan inscreveu a Escola no lugar dessa prova. Lacan utilizou esse trio de dispositivos de formação, e disse que sua maneira de praticar o estudo da teoria e de se arriscar na supervisão será suficiente se e somente ela continuar necessária e sempre se inscrever no sujeito que se põe a disposição para a análise pessoal para se tornar um psicanalista.

As perguntas que orientam esta pesquisa são: 1) Como se forma um psicanalista? 2) Existe uma entidade superior de onde emanam as normas que abrem o caminho para a atuação de psicanalista? 3) Como é feita a transmissão do saber psicanalítico, nas instituições que se destinam à formação de um analista?

A fim de tentar esclarecer essas questões e, também, encaminhar a compreensão a respeito da formação do analista, discorre-se, no quarto capítulo, sobre o surgimento da Organização Psicanalítica de Língua Francesa (OPLF), a teoria de Piera Aulagnier e Cornelius Castoriadis e suas contribuições para a psicanálise.

É importante considerar os conceitos de Castoriadis sobre imaginação e imaginário radical, criação, autonomia/heteronomia e social-histórico. Esses termos participam da sua teoria, por meio da qual é possível que se tenha uma compreensão sobre formação em psicanálise. Castoriadis buscou nos estudos de Freud as ideias sobre inconsciente, adicionando uma filosofia do sujeito na dimensão social-histórica.

A leitura desses capítulos poderá propiciar a compreensão sobre a análise pessoal como o início de um item obrigatório e ético para a formação, o processo que leva a essa formação de um psicanalista, as vicissitudes que ele comporta e seu histórico. Faz-se, ainda, uma abordagem sobre a passagem de analisante a analista<sup>1</sup>, considerando as operações que estão no cerne dessa passagem enquanto extensão e intensão.

Relacionamos, aqui, a guisa de informação, as obras mais reconhecidas - porém não somente essas - sobre a história de criação e da regulamentação sobre a análise didática e a formação do analista na obra de Freud, por ordem cronológica:

- a) Estudos sobre Histeria (1893-1895), vol. II, pp.: 39-52;
- b) Primeiras Publicações Psicanalíticas (1893-1899), vol. III, p. 21-32 e 143-155;
- c) Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905), vol. VII, p. 235-254;

---

<sup>1</sup> Conquanto haja uma preferência, pelos estudiosos e professores, do uso do termo psicanalista, neste trabalho, quando em referência às escolas de Lacan e Castoriadis, emprega-se, também, o termo analista, tal como usado por esses autores.

- d) Cinco lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910), vol. XI, p. 27-65 e 145-156;
- e) O caso de Schreber e artigos sobre técnica (1911-1913), vol. XII, p. 91-106, 121-158, 223-229;
- f) A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914). vol. XIV. 15-73;
- g) Além do princípio do prazer (1920). Vol. XVIII, p. 251-274; p. 175-252 e 253-259;
- h) Um Estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos (1925-1926). vol. III, p. 175-259;
- i) Análise terminável e interminável, (1937-1939). Vol. XXIII, p. 225-287.

Com princípios diferenciados, em 1964, a Escola Francesa de Psicanálise, que meses depois foi denominada Escola Freudiana de Paris (EFP), decidiu que deveria desfazer a distinção entre análise didática e terapêutica, anular a regra das sessões de duração fixa e aceitar, na escola, membros que não fossem psicanalistas. Desse modo, muitos terapeutas novatos e formados pela escola foram aceitos para compor o quadro de membros.

A *International Psychoanalytical Association*/ Associação Internacional de Psicanálise, cuja sigla mantém a forma do inglês – IPA, instaurou a obrigatoriedade da análise didática e da supervisão, determinando a submissão do candidato à análise pessoal, cuja duração e periodicidade das sessões seriam controladas e impostas por comissões e por um sistema de padronização mundial - cinquenta minutos, quatro vezes por semana e duas supervisões semanais de casos clínicos em atendimento. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Em 1967, Lacan tentou resolver os problemas de formação com a introdução do passe, um novo procedimento de acesso à análise didática, período em que a Escola Freudiana de Paris (EFP) teve a primeira crise institucional. A experiência do passe não obteve o resultado satisfatório, como pretendia Lacan. As instituições psicanalíticas continuaram elaborando outros modos de organizar a questão da formação dos psicanalistas. Por discordarem do resgate que Lacan fizera da concepção mais conservadora sobre a análise didática na formação do psicanalista é que, a partir de 1969, houve a demissão de um grupo de psicanalistas, oponentes à ideia de Lacan.

Desse modo, François Perrier, Piera Aulagnier, Jean-Paul Valabrega e Jean Clavreul formaram uma nova escola - a *Organisation Psychanalytique de Langue Française* (OPLF) ou o Quarto Grupo. Essa cisão marca a terceira, da história do movimento francês, e a entrada

da EFP em uma crise institucional que resultou em sua dissolução, em 5 de janeiro de 1980. (ROUDINESCO e PLON, 1998).

Para a Organização Psicanalítica de Língua Francesa (OPLF), esse modo de se tornar psicanalista era questionável. Não se acreditava que Lacan estaria trazendo algo novo e coerente. Se o sujeito precisava solicitar sua entrada na escola, isso já demonstrava que ele não seria um psicanalista. Esse modo de autorizar-se, então, não deu certo, porque, sozinho, ninguém se torna psicanalista; o sujeito não poderia se autorizar nem autodenominar, já que ele não poderia prescindir de uma escola.

A OPLF tampouco acreditava que o método da IPA fosse contundente, uma vez que o pedido de um candidato para se tornar psicanalista não deveria ser através de uma comissão que avaliasse o sujeito, com etapas de processo seletivo.

Logo após a fundação do Quarto Grupo, lançou-se, também, a revista *Topique*, sob a direção de Aulagnier, na qual foram publicados dois artigos acerca dos acontecimentos da Escola Freudiana de Paris, denominados: “Como podemos não ser persas?” e “Sociedades de psicanálise e psicanalista de sociedade”.

Cornelius Castoriadis, que também era membro da OPLF, propõe um novo jeito de formar analistas. Para ele, a psicanálise contribui com uma teoria do sujeito e mostra duas tradições do mundo filosófico-ocidental: a primeira, concordando com a teoria de Descartes, que compreende o ser humano como um indivíduo-mônada, fechado em si mesmo. Seguindo este pensamento, é o sujeito que determina o mundo. Na segunda tradição, o sujeito é formado a partir das estruturas sociais nas quais ele está inserido. Deste modo, ele é determinado pelo mundo. O indivíduo não é um produto exclusivo da esfera social, é influenciado pela história, cultura e sociedade. Ele não é refém da esfera social, um influencia e precisa do outro. (ROTOLO, 2011).

É possível verificar que, mesmo com os acontecimentos de conflitos e cisões, cada instituição criou seus próprios critérios de formação, porém, mantendo os três aspectos fundamentais para a formação do psicanalista: a transmissão do conhecimento, a aprendizagem da técnica e a formação pessoal.

As discussões sobre formação do analista sempre foram de preocupação para Freud, que, em 1926, publicou *A Questão da Análise Leiga*, texto que defende que a formação do psicanalista deve estar a cargo das instituições psicanalíticas, excluindo assim, o Estado e a Universidade. Nesse texto, o autor explica também sobre os fundamentos da prática da psicanálise e a diferença entre a psicanálise selvagem e a leiga.

Psicanálise leiga é aquela exercida por não médicos que passaram pelas três regras fundamentais para a formação do psicanalista. A selvagem é aquela que é praticada por pessoas que são não formadas por uma instituição que exija os itens obrigatórios do tripé psicanalítico.

A formação do psicanalista era seguida de vários fatos relevantes que auxiliavam na construção do pensamento da época e de teorias. Os psicanalistas eram mobilizados a pesquisar temas como o tratamento em psicanálise, a pulsão de morte e a de vida, o inconsciente, sexualidade feminina, novas e antigas patologias, institucionalização das escolas de formação e entre outros.

Em 1925, nos Estados Unidos, época em que as discussões sobre análise leiga estavam em voga na Europa, um reverendo da Igreja Unitarista do *West Side*, Charles Francis Potter, queria o licenciamento dos psicanalistas como medida contra o charlatanismo. A questão do charlatanismo não é tão simples de resolver, pois a instituição não pode dar garantias que aquele que fez o curso automaticamente não será um charlatão e não enganará o paciente de algum modo. Ser psicanalista não é sinônimo de não ser charlatão. (BODDIN, 2003).

Mais recentemente, no século XXI, diferentes países se uniram para regulamentar o exercício das psicoterapias e também da prática da psicanálise. De acordo com Pedó (2015), na Itália, na França e na Alemanha, por exemplo, já há leis e diretrizes sobre o exercício dessas práticas com fiscalização de uma instituição oficial.

Assim como nos Estados Unidos, também no Brasil houve uma discussão da prática de formação do psicanalista. Em 13 de dezembro de 2000, esse licenciamento da profissão do psicanalista foi discutido no Brasil através do projeto de lei nº 3.994/2000. Na época, o deputado federal fluminense, Eber Silva, propôs a regulamentação da profissão do psicanalista em território brasileiro e que esta passasse a ser submetida ao Conselho Federal de Medicina.

O parlamentar era pastor da Igreja Batista e a aprovação do projeto é uma das principais metas da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (SPOB), instituição religiosa da igreja evangélica, que promete formar psicanalistas com um curso de dois anos.

De acordo com a apresentação do curso, publicada pelo diretor da instituição, Ozeas da Rocha Machado (SPOB, 2016), no sítio oficial, a SPOB nasceu em 1996, em Salvador – BA, e é um polo de ensino. Existem outros três polos: Itaperuna – RJ, Porto Alegre – RS e Santa Catarina – SC. A sede é situada em Niterói – RJ e tem como proposta difundir a psicanálise freudiana e seus seguidores em todo o território brasileiro. Essa instituição

autodenomina-se a maior instituição de formação de psicanalistas da América Latina, com um índice de mais de três mil psicanalistas formados no país. A formação constitui-se de análise pessoal, prática supervisionada com “pacientes-piloto” e encontros teóricos para a exposição, análise e discussão de temas a serem estudados.

A profissão de psicanalista no Brasil não é regulamentada, mas é reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego (BRASIL, 2010), registrado na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), referência obrigatória dos registros administrativos que informam os diversos programas da política de trabalho no Brasil, pelo código 2515-50. Esse é o mote que a SPOB aproveita para realizar os cursos alegando que não há nenhuma lei que proíba a prática de cursos de psicanálise e a prática da – dita por eles – profissão no Brasil.

A SPOB se compromete, também, não misturar psicanálise com religião, entretanto, o problema encontrado não é a religião, é o modo de formação do psicanalista e a transmissão da psicanálise. A formação do psicanalista é permanente e o cumprimento da carga horária e de estágios acadêmicos não garante o exercício da prática.

A SPOB oferece um curso em que, após dois anos, o aluno recebe um certificado e uma carteirinha com a autorização dessa instituição para atuar como psicanalista. Esse modo de formação desconsidera todo o magma de significações da história da psicanálise e dos movimentos psicanalíticos que a engendrou e ajudou a instituir com uma convenção das regras obrigatórias que todas as instituições devem realizar.

Desde 1998 até os dias atuais, a Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (SPOB) está no meio de uma batalha jurídica em que responde a processos movidos junto ao ministério Público Federal. O principal motivo considerado é o de se tratar de propaganda enganosa e abusiva, ao prometer formar psicanalistas aptos ao exercício da profissão como psicoterapeutas. (BALEEIRO, 2002).

Não existem problemas em ofertar cursos de psicanálise, mesmo porque há várias outras instituições no país, que não serão mencionadas neste trabalho, que divulgam a teoria, ampliando e atualizando o número de interessados. O perigo está na promessa de curso de formação de psicanalista sem o rigor de formação baseado nos itens obrigatórios do tripé psicanalítico.

Para Pedó (2003), os componentes do tripé psicanalítico que norteia a formação são os princípios a serem seguidos e frequentemente monitorados, porque incidem sobre o que atualmente se discute se é pertinente estabelecer parâmetros e dispositivos satisfatórios para oportunizar e garantir a qualidade da prática analítica. O autor faz referência, também, a que a

psicanálise é leiga e assim deve permanecer não submetida ao Estado ou a outras normativas de poder deste.

De acordo com Boddin (2003), quando se faz uma exclusão legal, mas ilegítima, trata-se de análise leiga; por outro lado, quando se tem uma inclusão legal, mas ilegítima, trata-se de análise selvagem. Se a regulamentação da profissão do psicólogo for aceita, produzirá analistas selvagens.

Atualmente, o Projeto de Lei 3994/ 2000 encontra-se arquivado desde o ano de 2003. O fato de a psicanálise não ser uma profissão regulamentada, faz com que não seja necessário dispor de um título para exercê-la e, por este motivo, cada instituição elabora sua própria regulamentação de funcionamento e formação. Ao respeitar os dispositivos de formação, as instituições colocam o psicanalista em uma posição de permanente formação e, como consequência, torna-o habilitado pela sua própria prática clínica.

Desse modo, estudar a história da formação de analistas, assim como as escolas e sociedades, leva à reflexão, pesquisa e atuação no campo de trabalho psicanalítico. A questão da formação do psicanalista não pode ser dissociada da definição do que é uma análise, pois é necessário entender a teoria que embasa a compreensão do profissional e os processos institucionais exigidos para a formação que fazem a prática clínica existir.

## 2 INTERFERÊNCIA DAS GRANDES GUERRAS NA PSICANÁLISE

Além dos fatos políticos ocorridos no Brasil, é imprescindível também relembrar uma situação que assolou o mundo e que também foi um fator devastador não somente para a formação do psicanalista, do movimento psicanalítico e dos congressos em psicanálise, mas, foi um horror para toda uma nação: a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), centradas na Europa. Nesses períodos, aconteciam, pelo mundo, outros enormes conflitos, como a Guerra Civil Russa (1918-1921) ou os fatos decorrentes da guerra do comunismo da China, liderado por Mao Tsé-Tung, no período que compreende os anos de 1949 e 1987. Contudo, não há interesse e pretensão de se deter a eles, neste trabalho.

No período após as guerras, se delineou uma nova forma de Estado e de sociedade que envolvia o sistema econômico, a organização de produção social, a gestão de governo, as organizações da política, entre outros. Perante os horrores causados pelas guerras, a psicanálise imediatamente se propôs, durante e após os acontecimentos, a analisar os elementos de seu sistema de pensamento e apresentou construções teóricas para contribuir com a compreensão do funcionamento psíquico e de diversas discussões como as diferenças sexuais, religiosas, políticas, étnicas e culturais.

A história do movimento psicanalítico e da formação do psicanalista é marcada por diversas transformações sociais e históricas desde o surgimento da psicanálise, em 1896, com suas consequências da Segunda Guerra, após morte de Freud ocorrida em 1936. Devido à perseguição alemã pela dita ciência judia, a psicanálise não descansou. Todos que a seguiam e a estudavam passaram por diversas situações de destruição em decorrência das guerras.

A partir de 1908, o Império Austro-Húngaro viveu algumas crises sucessivas, envolvendo os povos Balcãs. O imperialismo na Alemanha seguia rumo ao choque com os interesses das Potências Ocidentais, além disso, o militarismo, as rivalidades raciais e culturais eram outros fatores complexos dentro do Império austro-húngaro. Em junho de 1914 o Arquiduque austríaco Francisco Ferdinand foi assassinado, durante sua visita a Sarajevo (Bósnia-Herzegovina), por militantes bósnios.

O império austro-húngaro não aceitou as medidas tomadas pela Sérvia com relação ao crime e, no dia 28 de julho de 1914, eclodiu a guerra contra a Sérvia, iniciando, assim, a Primeira Guerra Mundial. (BALDI, 2008.)

Ainda na análise desse mesmo autor, em julho de 1914, a Áustria deu um ultimato à Sérvia e com o apoio da Alemanha o exército austro-húngaro a atacou. Nesse período, quase

toda a população austríaca foi assolada por uma euforia nacionalista. No dia 4 de agosto deste mesmo ano, foi confirmada a invasão da Bélgica pela Alemanha e a Inglaterra entrou na guerra. Em agosto, a maior parte da Europa e as regiões vizinhas estavam em guerra.

Até a primeira guerra, Freud ocupava um lugar de importância e os estudos sobre o aparelho psíquico eram fortemente referenciados e centralizados nele. Após a guerra, ocorreu o nascimento e/ou a eclosão de outras tradições psicanalíticas locais e instituições. De acordo com Dunker (2006), Budapest, Londres, Zurique, Viena e Berlim tornam-se pontos de referência para uma comunidade de psicanalistas que ultrapassou o laço pessoal e direto com a figura do fundador.

Apareceu uma quantidade maior de pequenos grupos psicanalíticos interessados em fazer alianças e até serem inseridos à comunidade médico-psiquiátrica, universitária, artística e educacional, à procura de sua autolegitimação e reconhecimento no quadro de um movimento psicanalítico cada vez mais extenso e impessoal. Com isso, a internacionalização da psicanálise ampliou-se rapidamente.

Em 1917 os Estados Unidos entraram no conflito ao lado da Tríplice Entente, pois havia acordos comerciais a defender, principalmente com Inglaterra e França. Este fato marcou a vitória da Entente, forçando os países da Aliança a assinarem a rendição. Os derrotados tiveram ainda que assinar o Tratado de Versalhes que impunha a estes países fortes restrições e punições.

A Alemanha teve seu exército reduzido, sua indústria bélica controlada, perdeu a região do corredor polonês, teve que devolver à França a região da Alsácia, além de ter que pagar os prejuízos da guerra dos países vencedores. O Tratado de Versalhes teve repercussões na Alemanha, influenciando o início da Segunda Guerra Mundial.

Em novembro, Freud soube da morte de seu meio irmão Emanuel, num acidente de trem, na Inglaterra. Muitas atividades foram descontinuadas, o congresso de psicanálise planejado para setembro de 1914 na cidade alemã de Dresden não pôde ocorrer na data planejada.

Os tratados de Versalhes e do Trianon, concluídos em 1919 e 1920, marcaram o desmoronamento da cultura austro-húngara no movimento psicanalítico internacional. Na Europa, a Alemanha manteve acesa ainda durante dez anos a chama do freudismo, enquanto os austríacos, arruinados pela guerra e pela derrota, tinham dificuldade em prosseguir. (ROUDINESCO e PLON, 1998).

Já em 1918, em Budapeste, o V Congresso da Associação Internacional de Psicanálise teve como tema os traumas de guerra. Diversos psicanalistas foram convocados para servir no *front* na qualidade de médicos, dentre eles Max Eitingon, Karl Abraham, Sandór Ferenczi e Otto Rank. As reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena, até então ocorridas todas as quartas-feiras à noite, tornaram-se esparsas e foram, aos poucos, se tornando nulas. Pacientes em potencial também foram convocados, esvaziando os consultórios e, assim, iniciando a escassez financeira da população. (KNIJNIK, 2016).

O período de guerra foi uma época de isolamento forçado para Freud, seus colegas estudiosos da psicanálise estavam praticamente todos servindo ao exército; com os amigos dos países adversários era difícil manter contato por causa da censura, além disso, a maioria de seus pacientes também servia ao exército, as publicações em revistas diminuíram e os congressos foram interrompidos.

Mesmo com a ocorrência da guerra, Freud conseguiu produzir trabalhos e, especificamente sobre o tema da guerra e suas consequências, apareceram três produções teóricas de Freud: Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915), Introdução à psicanálise e as neuroses de guerra (1919) e Por que a Guerra? (1932/1933). Freud considerava que para a Psicanálise, a Guerra não foi surpresa, apenas confirmou suas hipóteses sobre agressão e violência acerca da natureza humana. (BALDI, 2008).

O artigo Reflexões para os tempos de guerra e morte foi escrito entre março e abril de 1915, cerca de seis meses após a deflagração da Primeira Guerra Mundial, e expressam algumas das distintas considerações de Freud sobre a mesma. Nesse período, os dois filhos de Freud estavam na frente de batalha. Nele, Freud se pergunta se a humanidade constituída no crime e pelo crime não estaria se dirigindo inevitavelmente para a destruição.

Nos invernos de 1915-16 e 1916-17, Freud apresentou três séries de palestras introdutórias, resumindo e tentando popularizar a Psicanálise: *Conferências Introdutórias*, nas quais não deixou de mencionar a guerra, ainda que brevemente, dando mostra do quanto a destruição humana ocupava seus pensamentos durante esses anos. (BALDI, 2008).

Em 1917, a situação em Viena era precária: comida e combustíveis, necessários para o aquecimento, escassos, tornavam o frio difícil de suportar; a inflação galopante sobre os gêneros de primeira necessidade era ainda maior que a oficial, no mercado negro. Freud recebia, ocasionalmente, remessas de alimentos dos colegas de outros países, o que era apenas um paliativo.

A década seguinte, ao fim da Primeira Guerra Mundial, é marcada por permanentes conflitos, desemprego e crises econômicas. No primeiro dia de setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polônia, marcando o início dos seis longos anos de duração da Segunda Guerra Mundial, a mais letal da história da humanidade, com aproximadamente setenta milhões de mortos.

Se em 1914 Freud aderiu ao clima bélico com entusiasmo, na Segunda Guerra Mundial o quadro era outro, não apenas pela sua maturidade e seu acúmulo de experiências. Enquanto na Primeira Guerra o austríaco Freud estava do lado dos fortes, na Segunda Guerra o judeu Freud estava com os considerados fracos, pois assimilaram à cultura e à produção de um saber teórico, bem como das práticas em torno do tratamento a uma ciência judia. Era alvo direto do nazismo. (KNIJNIK, 2016).

As guerras mundiais, a perseguição aos judeus e os consequentes movimentos migratórios foram mundialmente conhecidos por diversas fontes de informações como a literária, a midiática, jornais, internet entre outros. Após a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha perdeu a guerra, além da derrota, passou por uma crise e os alemães tiveram que pagar uma dívida de guerra aos ingleses e franceses, levando milhares de alemães ao desemprego e ao desespero. Tudo isso contribuiu para fortalecer ainda mais os movimentos radicais, sobretudo o nazismo. O cenário europeu ficou favorável à ascensão do movimento nacionalista alemão e à expansão do antissemitismo racial à política governamental.

Em consequência do nazismo, houve a emigração de psicanalistas europeus para os Estados Unidos. Durante o entre-guerras, Freud e seus seguidores tiveram sua teoria sobre a análise leiga desconsiderada. Na Europa, nesse período, foi nos Países Baixos que os conflitos entre os defensores e os adversários da análise leiga atingiram o ápice da batalha em relação a análise leiga em decorrência das influências do antissemitismo e xenofobia que consideraram as ideias de Freud como irracional.

Com a chegada Adolf Hitler (1889-1945) no poder, aplicou-se a doutrina nacional-socialista (ou nazismo), da qual um dos objetivos principais era a eliminação de todos os judeus da Europa como “raça inferior”. Do mesmo modo, esse governo procurava livrar-se, além das demais raças inferiores, de todos os homens considerados desviados sexualmente ou incômodos para o corpo social. (ROUDINESCO e PLON, 1998).

Ainda na análise de Roudinesco e Plon (1998), o nazismo transformou radicalmente o movimento psicanalítico, expulsando os psicanalistas judeus da Europa principalmente os que

viviam na Alemanha, Hungria, Itália e Áustria. Os que não conseguiram fugir ou emigrarem-se nos Estados Unidos morreram em campos de concentração.

Em março de 1938, a temida anexação da Áustria à Alemanha aconteceu. No dia 12 de março desse ano, após longas negociações, Freud foi obrigado a abandonar a Áustria ante a ocupação nazista. Seus amigos e discípulos, principalmente Ernest Jones e Marie Bonaparte, o ajudaram a deixar Viena, via Paris, rumo a Londres.

Freud passou seus últimos quinze meses e vinte e cinco dias de vida na Inglaterra. Relatou bastante por ter que deixar Viena e, sob coação, foi obrigado a assinar uma declaração por meio da qual reconhecia que os funcionários do partido nazista haviam-no tratado corretamente.

Apesar das relutâncias, Londres era também um sonho de muitos anos. Por várias ocasiões Freud já havia manifestado seu interesse de viver nesta terra. Sua vida em Londres proporcionou muitas satisfações pessoais, assim como reconhecimentos oficiais de instituições, associações e do governo britânico; finalmente, a capital inglesa propiciou-lhe uma morte que o poupou da barbárie do horror nazista. (VILLARI, 2000).

Apesar de todos os esforços empreendidos para garantir conforto e bem-estar na Inglaterra, ninguém pôde amenizar a preocupação de Freud que, em 4 de junho de 1938, perdeu quatro irmãs que permaneceram em Viena, para os campos de concentração. Adolfe morreu de fome no campo concentração de Theresienstadt, na República Tcheca, por onde passaram aproximadamente 140 mil pessoas. Mítzi, Rosa e Paula foram assassinadas, provavelmente em Auschwitz. (VILLARI, 2000).

Tudo estava escasso quando, ainda em Viena, Freud escreveu alguns artigos em troca de alimentos e sofria com a escassez de papel para enviar as cartas aos amigos e parentes estrangeiros solicitando que lhe enviassem produtos diversos como alimentos e roupas. O pedido era prontamente atendido, mas havia o desvio do destino e a violação de suas encomendas.

A família de Freud sofria com a debilidade da saúde gerada por anos de nutrição insuficiente. Sua esposa teve pneumonia, complicação gerada pela gripe espanhola que matou milhares de pessoas. Em 1918, escolas e teatro eram fechados nos tempos mais frios para tentar diminuir o contágio. Em 1921, quando findou a epidemia, mais de 15 mil pessoas haviam morrido em decorrência da doença e da falta de medicamentos para combatê-la, depois de um longo período de tratamento e recuperação, sua esposa Martha Freud sobreviveu. (BALDI, 2008).

Dentre todas as escolas de psiquiatria dinâmica, a psicanálise foi a única a receber como tal a qualificação de “ciência judaica”, tão temida por Sigmund Freud. É nesse contexto que se pode compreender por que o nazismo acrescentou a seu projeto a destruição radical da psicanálise, de seu vocabulário, seus conceitos, suas obras, seu movimento. (ROUDINESCO e PLON, p. 533, 1998).

A esses fatos que marcam a história da psicanálise no entre guerras, devem-se acrescentar as dificuldades e implicações que a comunidade psicanalítica eminentemente judaica, enfrentava, naquele momento de ascensão do nazismo.

O processo de arianização da psicanálise na Alemanha foi um motivo que incentivou a emigração, cuja escolha da grande maioria dos psicanalistas foi Londres. Os compromissos assumidos na Alemanha, com o objetivo de manter e salvar a psicanálise ao preço político dessa situação compôs-se de um capítulo que não pode deixar de ser mencionado na história da psicanálise. Também na então chamada União Soviética um processo público de julgamento foi levado a cabo terminando por extinguir a promissora e florescente comunidade psicanalítica local. (DUNKER, 2006).

Ainda na análise de Dunker (2006), nessa época, muitos psicanalistas freudianos tentaram conciliar as teses psicanalíticas com as teorias de Marx. Esse movimento ficou conhecido como freudo-marxismo, que compreendeu autores como Reich, Otto Fenichel e Siegfried Bernfeld.

O freudo-marxismo é uma corrente intelectual que une as teorias da psicanálise de Freud e de todo o pensamento de teoria englobando o período de 1920 a 1975, tanto no âmbito doutrinal o qual se dedica aos estudos de Freud e Marx, quanto no âmbito político, que estuda as relações do comunismo e da influencia da psicanálise em vários países como a Rússia, a Alemanha, a Hungria, a França, o Brasil, na Argentina, na Itália e nos estados Unidos.

Outro marco importante na história da psicanálise no período entre guerras foi o pensamento originado pela instalação, em 1929, da Sociedade Psicanalítica de Frankfurt, tendo Erich Fromm à sua frente. Esse grupo realizava suas atividades no interior do Instituto de Pesquisas Sociais (Escola de Frankfurt) e deixou influências conceituais importantes nessa corrente de pensamento sociológico.

Para Dunker (2006), outro item bastante importante de se destacar, nesse período, é a influência dos movimentos sociais de esquerda, a incorporação da psicanálise ao programa estético do surrealismo de esquerda. O surrealismo espelhava-se na histeria para sua criação e a via como a maior descoberta política do século, apoiando-se também nos estudos sobre a

associação livre e na noção de inconsciente. Esses conceitos contribuíram para a criação de um nova e subversiva experiência da realidade, influenciando o pensamento de artistas como André Breton (ligado ao marxismo francês) e também Salvador Dali (conhecido por seu conservadorismo político). Ambos tiveram encontros com Freud e procuraram, na psicanálise, inspiração para inúmeras de suas concepções estéticas.

### 3 O MOVIMENTO PSICANALÍTICO E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA FORMAÇÃO DO PSICANALISTA

O nascimento da psicanálise, no fim do século XIX e início do século XX, incentiva as discussões, conceituações e regulamentações referentes à formação do psicanalista. De modo geral, as instituições responsáveis pela transmissão da psicanálise apoiam-se nos mesmos preceitos, no que se refere à obrigatoriedade da análise pessoal, pela qual o sujeito se submete ao tratamento e aos estudos teóricos e à supervisão dos casos clínicos.

Além das pesquisas e reflexões particulares, devem também corresponder a uma instituição de formação e o tratamento supervisionado por profissionais mais experientes na área, como apontou Freud (1926/ 1996). Dessa forma, onde e como aprender o que é necessário para praticar a análise? Qual a importância da continuidade dos estudos pós- formação?

[...] O preparo para a atividade analítica de modo algum é fácil e simples. O trabalho é árduo, grande a responsabilidade. Mas qualquer um que tenha sido analisado, que tenha dominado o que pode ser ensinado em nossos dias sobre a psicologia do inconsciente, que esteja familiarizado com a ciência da vida sexual, que tenha aprendido a delicada técnica da psicanálise, a arte da interpretação, de combater resistências e de lidar com a transferência - qualquer um que tenha realizado tudo isso não é mais um leigo no campo da psicanálise. Ele é capaz de empreender o tratamento de perturbações neuróticas e ainda poderá com o tempo alcançar nesse campo o que quer que se possa exigir dessa forma de terapia. (FREUD, 1926/1996, p. 220).

De todos os itens obrigatórios à formação, o primordial é a análise pessoal, pois, não basta um psicanalista ter um diploma de médico, ele precisa de uma continuidade nos estudos para à prática da análise.

O avanço teórico é, sem dúvidas, importante e é incentivado fortemente pelos casos clínicos e, aí, de onde provém a necessidade de aprofundar os estudos e abrir uma discussão com outros profissionais da área, realizando, desse modo, a continuidade da inserção na instituição e da supervisão teórico-prática dos atendimentos.

A formação do psicanalista não pode ser desconectada da formalização teórica sobre o que é uma análise e nem dos processos e normas institucionais e da transmissão e ensino da psicanálise. Para Mijolla-Mellor (2004 apud AGUIAR, 2006), o exercício clínico só poderá produzir novas hipóteses teórico-clínicas, na medida em que a teoria for trabalhada, investida e interrogada previamente. Caso contrário, corre-se o risco de aplicar a teoria de modo mecânico e leigo, deixando-se de construir tanto a clínica quanto a pesquisa.

A seguir, apresenta-se a formação do psicanalista e a história das sociedades da transmissão do saber psicanalítico de Sigmund Freud e Jacques Lacan, bem como as críticas contidas nas obras de Piera Aulagnier e Cornelius Castoriadis, dissidentes da Escola de Lacan.

### 3.1 SIGMUND FREUD E A FORMAÇÃO DO PSICANALISTA

Por muitos anos Sigmund Freud foi o único médico a estudar a psicanálise. Como consequência, muitos médicos recusaram-se a ouvir suas conferências, por não crerem e compreenderem sua teoria; outros tantos destinaram pouca atenção aos seus trabalhos, como é possível constatar em vários escritos de Freud (1925). Foi somente após um período de trabalho solitário e muitas batalhas que Sigmund Freud passou a usufruir de certo reconhecimento.

A palavra psicanálise foi bastante utilizada e investigada no texto de Sigmund Freud, em *Estudos sobre a Histeria* (1895), no qual o autor relata o caso ocorrido em atendimento com uma paciente. O caso ficou conhecido como Anna O., uma moça judia e vienense, que sofria de uma doença de fonte psíquica, com contorções no corpo e de origem não biológica.

O nome verdadeiro dela é Berta Pappenheim e foi atendida, no período de 1880 a 1882, por um médico vienense de alta reputação como clínico e como pesquisador científico, Joseph Breuer (1842-1925). Esse médico considerou que o aparecimento dos sintomas da paciente estava interligado com impressões emocionais de intensa angústia de que fora acometida, enquanto cuidava do pai doente.

O tratamento era acompanhado por fases de hipnotização nas quais a paciente respondia com lucidez e tranquilidade. O médico observou, entre uma sessão e a subsequente, que, à medida que a paciente falava, alguns sintomas desapareciam.

Ao longo de dois anos de tratamento, a própria paciente observou as melhoras dos sintomas e denominou o tratamento como *talking cure* ou “a cura pela fala”. (FREUD, 1856-1939/2006, p.65). A fala da paciente despertou mais um elemento das observações de Freud: investigar mais profundamente sobre esse tipo de tratamento em que a paciente relatava o sofrimento vivenciado sem nenhum exame ou intervenção medicamentosa.

Embora Breuer tenha obtido sucesso nos atendimentos, dedicou pouca atenção à técnica e somente dez anos depois, com a participação de Freud, foram reiniciadas as pesquisas sobre o assunto. Posteriormente a essas pesquisas, Freud observou, durante o tratamento dos pacientes, que alguns outros sintomas retornavam, colocando em dúvida o

método de atendimento por hipnose, o que o incentivou a trocar o método pela “associação livre.” (FREUD, 1926, p. 253).

O tratamento era não medicamentoso; através da conversação com o analista, as pacientes podiam verbalizar o sofrimento, permitindo tomar consciência da origem destes, não levando a uma cura, mas abrindo uma oportunidade de compreender e assumir o sintoma a fim de se desenvolver um tratamento, o que Freud denominara, pouco tempo depois, de psicanálise.

O termo psicanálise foi inventado por Freud e tem dois significados: (1) um método específico de tratar as perturbações nervosas; (2) a ciência dos processos mentais inconscientes, que também é apropriadamente descrita como “psicologia profunda.” (FREUD, 1926/1998, p. 254).

O conceito de “psicanálise” foi utilizado pela primeira vez em 1896, no texto “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”, no seguinte fragmento:

Devo meus resultados a um novo método de psicanálise, o procedimento exploratório de Josef Breuer; é um pouco intrincado, mas insubstituível, tal a fertilidade que tem demonstrado para lançar luz sobre os obscuros caminhos da ideação inconsciente. Por meio desse procedimento - este não é o lugar para descrevê-lo, os sintomas histéricos são investigados até sua origem, sempre encontrados em algum evento da vida sexual do sujeito, apropriado para a produção de uma emoção aflitiva. (FREUD, 1896/1996, p. 150).

Depois de oito anos, Freud enunciou uma definição do próprio método, renunciando a sugestão e rejeitando também a hipnose:

Atualmente, trata seus enfermos da seguinte maneira: sem exercer nenhum outro tipo de influência, convida-os a se deitarem de costas num sofá, comodamente, enquanto ele próprio senta-se numa cadeira por trás deles, fora de seu campo visual. Tampouco exige que fechem os olhos e evita qualquer contato, bem como qualquer outro procedimento que possa fazer lembrar a hipnose. Assim a sessão prossegue como uma conversa entre duas pessoas igualmente despertas, uma das quais é poupada de qualquer esforço muscular e de qualquer impressão sensorial passível de distraí-la e de perturbar-lhe a concentração da atenção em sua própria atividade anímica. (FREUD, 1904/1996, p.237).

Entre 1905 e 1914, Freud realizou três grandes tratamentos psicanalíticos: o caso Dora, uma jovem histérica de 18 anos; o neurótico obsessivo Ernst Lanzer, o homem dos ratos e Sergei Constantinovitch Pankejeff, o homem dos lobos.

Além dos atendimentos clínicos, fez supervisão para Max Graf, pai de Herbert Graf (o pequeno Hans) e publicou um estudo sobre Daniel Paul Schreber. Esses casos marcaram a história do freudismo servindo de base para os estudos durante todo o período do movimento psicanalítico. (ROUDINESCO, 1998, p.604).

Foi a partir de estudos de casos clínicos que houve um avanço da teoria, na qual há discussões calorosas sobre os diagnósticos de pacientes atendidos pelos médicos psicanalistas e, com isso, a necessidade de investigar mais sobre a teoria, a prática clínica e a participação de instituições na formação de um psicanalista e como é um tratamento de análise.

Em 1902, um grupo de jovens médicos, constituído por Wilhelm Stekel - que a convite de Freud incentivou a criação do grupo -, Alfred Adler, Rudolf Reitler e Max Kahane procurou Freud com a intenção de aprender, praticar e difundir o conhecimento da psicanálise.

Nasceu, assim, o primeiro grupo de estudos, em Viena, com reuniões regulares realizadas na casa do mestre, iniciando, então, a “Sociedade Psicológica das Quartas-feiras”, que durou cinco anos, do período de 1902 a 1907. Algumas obras trazem a nomenclatura “Sociedade Psicanalítica das Quartas-feiras”, contudo, nesta pesquisa, será empregada a que é apresentada por Roudinesco (1998).

Além dos médicos, o grupo compunha-se de vários profissionais eruditos que se identificavam com a psicanálise, entre eles filósofos, educadores, pintores, escritores etc. Todos estavam inquietos e pouco satisfeitos em relação à psiquiatria, às ciências humanas e à educação, o que motivou a que o grupo, a cada vez mais, buscar estudar sobre a teoria e a prática da psicanálise.

Ao longo dos anos, aconteceram algumas trocas de composição dos membros e, com o avanço dos estudos, as competições teóricas entre eles fez com que o relacionamento interno se tornasse pouco cordial.

A autoconfiança dos estudiosos e o modo como precocemente se viam independentes do mestre, bem como a insuficiência do treinamento da autodisciplina fez com que Freud questionasse a sua própria falta de direção e autoridade sobre o grupo. Relatou que não poderia arriscar a exposição de nenhuma técnica ou teoria não finalizada a este grupo para “evitar consequências desastrosas”. (FREUD, 1914/1996, p. 35).

Todavia, estava disposto a tolerar algumas situações, o que em outra ocasião não faria, visto que eles tinham muita coragem de pesquisar um tema pouco conhecido e tratado com muita cautela.

Conforme Roudinesco e Plon (1998), em 1907 o grupo já era composto de vinte e dois membros ativos e apenas Freud era psicanalista. Em 1904, dois de seus pacientes já atuavam como profissionais: Stekel, o primeiro paciente de Freud a tornar-se psicanalista, e Paul

Federn, médico clínico que respeitava a ordem e a disciplina, sendo, posteriormente, um dos pilares formadores de alunos, que se tornaram didatas das gerações seguintes.

Em 1907, Freud anunciou a dissolução do círculo privado e criou a Associação Vienense de Psicanálise (*Wiener Psychoanalytische Vereinigung – WPV*), primeira instituição psicanalítica no mundo. Após um ano de fundação, instituiu uma regra democrática inédita: a permissão da participação no grupo enquanto ouvinte.

No início da sociedade, a regra era sentar-se ao redor de uma mesa e participar dos debates nos quais os membros tinham a obrigação de falar do tema estudado, sem poder olhar em textos e anotações feitas anteriormente. A cada reunião preparava-se uma urna e por meio de um sorteio iniciavam-se as conferências.

Para Roudinesco (1989, p. 101), essa mudança da regra, iniciou uma sociedade de psicanalistas ao modo como é seguido até os dias atuais: “uma associação na qual apenas alguns participantes produzem um trabalho concreto e na qual outros são espectadores autorizados como tais”.

Tal como o esforço consagrado à rejeição da doutrina é sintoma de seu progresso atuante, a formação de analistas, bem como seu malogro crônico, testemunha uma história singular de filiações em que a resistência ao inconsciente perpetua sua descoberta. Dentro do círculo das quartas-feiras, a troca teórica era o movimento pelo qual um vínculo transferencial unia uma comunidade, recalçando aquilo que a fazia manter-se. (ROUDINESCO, 1989, p. 101).

Em 26 de abril de 1908, aconteceu o I Congresso Internacional de Psicanálise, em Salzbrugo, na Áustria, que se denominou Encontro dos psicólogos freudianos. Este evento foi considerado como a primeira grande reunião dos psicólogos freudianos que congregou adeptos da psicanálise de Viena, Zurique e outros lugares.

No ano seguinte, como resultado desse congresso, fundou-se um periódico, o *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen* (Anuário de Pesquisas Psicanalíticas e Psicopatológicas) publicado por cinco anos e depois com a inserção de dois novos redatores, Abraham e Hitschmann, houve uma redução no nome, passando a ser chamado de *Jahrbuch der Psychoanalyse* (Anuário de Psicanálise), sob a direção de Bleuler e Freud e editado por Jung. (FREUD, 1914).

O encontro expressou a estreita relação entre Viena e Zurique, ocasionando um impulso com maior difusão da literatura e interesse por parte dos médicos e de outros profissionais. Este foi um marco importante na história do movimento psicanalítico, porque a partir desse momento constatou-se o início das transferências entre os membros, as

identificações teóricas, o desejo que levava cada um a tornar-se psicanalista e, como consequência, as futuras dissidências.

O segundo Congresso Internacional de Psicanálise, ocorreu nos dias 30 e 31 de março de 1910, em Nuremberg, organizado por C. G. Jung. Na ocasião, Sandor Ferenczi e Sigmund Freud fundaram oficialmente a *International Psychoanalytic Association*/ Associação Internacional de Psicanálise (IPA), que, na época, chamou-se de *Internationale Psychoanalytische Vereinigung* (IPV). O nome foi modificado em 1936 devido ao fato de que a grande maioria dos psicanalistas da Europa continental exilava-se na Grã-Bretanha e nos estados Unidos, tornando essa Associação anglófona. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Junto com Ferenczi, Freud realizou também um projeto que tinha como objetivo transferir o centro do movimento psicanalítico de Viena para Zurique e escolher um chefe que pudesse cuidar do futuro da instituição. Essa institucionalização traria benefícios que asseguraria o ensino da prática da psicanálise, mantendo os conceitos principais e a formação dos médicos cujas atividades receberiam uma espécie de garantia, bem como o apoio mútuo entre os psicanalistas. (FREUD, 1914/1996).

As propostas feitas por Ferenczi em Nuremberg foram aprovadas. Jung foi eleito presidente, Riklin ficou como secretário e Zurique ficou como cidade-sede da Associação, com a ressalva de que esta sede seria o local de residência do presidente, eleito a cada dois anos. Houve, também, a aprovação de um boletim que tinha a responsabilidade de conectar a Central Executiva com os grupos locais.

Nesse Congresso foram constituídos três grupos locais: um em Berlim, sob a presidência de Abraham; um em Zurique e o outro em Viena, sob a direção de Adler. Um quarto grupo foi criado, posteriormente, em Budapeste, no ano de 1913, sob a presidência de Ferenczi. Um resultado considerado satisfatório, do congresso em Nuremberg, foi a fundação da *Zentralblatt für Psychoanalyse* (Revista Central de Psicanálise), na qual se uniram Adler e Stekel.

O propósito original era, claramente, representar a oposição e fazer concorrência com a revista dirigida por Jung, *Jahrbuch der Psychoanalyse*, tendo Freud como diretor-chefe de redação da revista (ROUDINESCO, 1989).

Para Freud (1914/1996), o Congresso de Weimar, na Alemanha, em setembro de 1911, foi mais bem sucedido que os anteriores no que concerne ao interesse científico. Houve uma aproximação com Jung (este, assumindo novamente a presidência da Associação) que soube conduzir muito bem a mesa de oradores, permitindo espaço para debates.

Nesse período, a Associação Internacional de Psicanálise não estava cumprindo a finalidade de transmissão da psicanálise para além da Europa Central e para assegurar a unidade do movimento psicanalítico e a preservação da doutrina psicanalítica.

A fim de evitar um rompimento e a má interpretação, a IPA provocou um desmembramento que levou à criação, em 1912, de um comitê secreto para conter debates e impor censuras em teorias que, na época, eram consideradas perigosas e desviantes do movimento psicanalítico, sobre os princípios fundamentais da psicanálise: a repressão, o inconsciente e a sexualidade infantil, iniciado por Ernest Jones e composto por seis membros considerado membro adjunto: Sigmund Freud, Otto Rank, Hanns Sachs, Sandor Ferenczi, Karl Abraham e Anton Von Freund.

O objetivo do comitê secreto era recentrar a política do movimento com base na teoria do inconsciente, supervisionar o andamento da IPA e restabelecer a ortodoxia da doutrina frente a desvios teóricos considerados nocivos. Desvios como plágio, invenção de casos para justificar hipóteses, rejeição de conceitos da psicanálise, entre outros, poderiam provocar o desmembramento da IPA e, como consequência, o fracasso da instituição e da transmissão da psicanálise (ROUDINESCO, 1989).

Posteriormente, em 1919, Max Eitingon juntou-se ao grupo, que tinha a finalidade de manter a ortodoxia da doutrina frente aos desvios teóricos considerados perigosos, dissolvido em 1927, uma vez que grande parte de seus membros eram integrantes chefes da IPA: Jones, Ferenczi, Eitingon e Anna Freud.

Esse período foi marcado pelo modo como a psicanálise é conhecida na atualidade, com suas sociedades rivais, seus rituais de formação, sua burocracia, suas filiações transferenciais organizadas, seu culto aos executivos e aos chefes etc. Período importante para a história da psicanálise da França, pois nota-se que a Sociedade Psicanalítica de Paris nasceu em 1926, época em que a “legalização da profissão analista estava em via de se converter na realidade dominante da organização internacional do movimento”. (ROUDINESCO 1989, p.132).

Na realização do 4º Congresso Internacional, em Munique, em setembro de 1913, outras seis sociedades psicanalíticas foram criadas, ainda no início do século 20, e já faziam parte da futura IPA que antevia a dissidência de Jung, que realmente ocorreu no ano seguinte. Foi exatamente diante do incômodo causado a Freud, pelo rompimento com Jung, que ele escreveu A história do movimento psicanalítico (FREUD, 1914).

De acordo com Roudinesco (1998), essas instituições da época eram as seguintes: (1) A *Wiener Psychoanalytische Vereinigung – WPV*, criada por Freud em 1908 para substituir a Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras (1902-1908); (2) a Sociedade Sigmund Freud de Zurique, criada por Jung em 1907 e dissolvida em 1913; (3) a *Deutsche Psychoanalytische Gesellschaft – DPG*, fundada por Karl Abraham em 1908; (4) a *New York Psychoanalytic Society – NYPS*, fundada por Abraham Arden Brill em 1911; (5) a *American Psychoanalytical Association – APsaA*, fundada por Jones e James Jackson Putnam em 1911; e (6) a Sociedade Psicanalítica de Budapeste, criada por Ferenczi em 1913, dissolvida em 1948.

O 4º Congresso, diferentemente do anterior, foi marcado pela condução desagradável de Jung, que limitou o tempo de exposição dos oradores. Não havia tempo hábil para debates produtivos, entretanto, a ocorrência de discussões pouco proveitosas foi intensa. Mesmo com todos os infortúnios, Jung foi reeleito presidente da IPA. Freud relata que no término do evento, todos se dispersaram, “sem nenhuma vontade de nos reunirmos outra vez”. (FREUD, 1914, p.54).

No período entre 1910 a 1925, houve a expansão da IPA com a criação de seções locais em outros países cujo intuito era debater sobre os estatutos e métodos e a formação em psicanálise. Freud (1914/1996) destaca duas deserções ocorridas: a primeira datada de 1910 entre a fundação da IPA e o Congresso de Weimar e a segunda, que já vinha se evidenciando, eclodiu em Munique, no ano de 1913.

Em 1914, esse mesmo autor relatou sobre o desapontamento que essa situação ocasionou, dizendo que se ele tivesse tido uma observação mais minuciosa em relação à repressão e resistência, enquanto clínico com os pacientes, talvez pudessem ter sido evitados os incômodos com os partidários da psicanálise. Ocorreu, com os membros do grupo, a mesma dinâmica que se encontra em um tratamento psicanalítico:

Sabia muito bem, naturalmente, que qualquer pessoa, ao primeiro contato com as realidades desagradáveis da análise, pode reagir fugindo; eu próprio sempre havia sustentado que na compreensão da análise, cada indivíduo é limitado por suas próprias repressões (ou antes, pelas resistências que as sustentam) de modo que não pode ir além de um certo ponto em sua relação com a análise. Mas eu não esperava que alguém que houvesse alcançado certa profundidade na compreensão da análise pudesse renunciar a essa compreensão e perdê-la. (FREUD, 1914, p.57).

As atividades da Associação Internacional de Psicanálise foram suspensas no período da Primeira Guerra Mundial (1914-18), sendo reassumidas no Congresso de Berlim, em 1922. A partir dessa data, iniciam-se, de modo mais aprofundado, os debates sobre a formação de psicanalistas e as discussões sobre a análise leiga, apoiada e defendida por Freud, que lutou

até a sua morte contra o que os americanos teimavam em fazer da psicanálise, ou seja, uma especialidade médica, mais destacadamente a serviço da psiquiatria.

De acordo com Roudinesco e Plon (1998), entre 1925 e 1933, foram determinadas regras que seriam aplicáveis a todas as sociedades de psicanálise: a obrigatoriedade da análise didática e das supervisões de casos atendidos, a proibição do psicanalista em manter relações sexuais com pacientes e de atender membros da família, bem como a proibição de ser admitido, como psicanalista didata, um profissional homossexual.

Em 1921, na recém-criada Associação Psicanalítica Internacional (IPA), os psicanalistas vienenses, representados por Rank e Freud, separaram-se dos berlinenses, apoiados por Jones e Abraham, devido à nova regra a respeito da admissão de candidatos homossexuais na formação em psicanálise. Enquanto Rank reivindicava uma despenalização da homossexualidade e a possibilidade de sujeitos homossexuais se tornarem psicanalistas, Jones declarava que, aos olhos do mundo, a homossexualidade seria um crime repugnante.

Desejoso de normalizar a IPA e de limpá-la de qualquer membro que pudesse ser atacado com respeito a sua sexualidade, Jones instaurou uma regra não escrita, que permaneceu em vigência durante quase oitenta anos. (AYOUCH; CHARAFEDDINE, 2013, p.116).

O processo de institucionalização da psicanálise pode ser dividido esquematicamente em quatro períodos (ROUDINESCO, 1989): o período de 1902 a 1906, marcado pela constituição e organização de grupos e pesquisas. Já em 1906 a 1912 foi o momento de expansão da doutrina freudiana para o exterior, com a profissionalização da prática analítica com psicanalistas formados, a realização do primeiro dos vários congressos, o surgimento da IPA e de outras sociedades locais filiadas a ela, como a Sociedade Freud, fundada por Jung em Zurique, no ano de 1907, Sociedade de Berlim, dirigida por Abraham em 1908, Sociedade Psicanalítica de Nova York (Brill) e Associação Psicanalítica de Norte Americana (Jones), ambas em 1911.

Alguns anos após fundarem suas escolas de pensamento, no período de 1911-13, Alfred Adler, de Viena, e C. G. Jung, de Zurique, retiraram-se do movimento psicanalítico e, em vista da hostilidade geral à psicanálise, podiam estar certos de uma acolhida favorável, mas mantiveram a divulgação de textos pouco interessantes, sem apresentarem tipo algum de contribuição produtiva ou científica, como era solicitado na época e que eles mesmos defendiam.

Nos anos de 1912 a 1927, houve a elaboração mais aprofundada sobre as regras para a análise didática e formação do psicanalista; ocorreram dissensões, exclusões e separações e a criação do comitê secreto, que durou dez anos, com a finalidade de fiscalizar as atividades da IPA. Outras sociedades foram fundadas, entre elas a Sociedade Psicanalítica de Budapeste, tendo como presidente Ferenczi, em 1913. No mesmo ano, Jones criou a Sociedade Psicanalítica de Londres e depois Associação Inglesa.

Em 1920, Max Eitingon fundou, em Berlim, a Policlínica Psicanalítica. Era um laboratório de formação de terapeutas que desempenhou, durante dez anos, um papel considerável na elaboração dos princípios da análise didática servindo de modelo para todos os outros institutos criados posteriormente.

Eitingon foi um dos alunos de Freud que mais se destacou; foi com ele que o psicanalista praticou sua primeira análise didática. Na ocasião, Freud dizia publicamente que esse discípulo desempenhava, no movimento, um papel digno de louvores. Contando com o apoio de Freud, Max Eitingon financiou inteiramente a Policlínica em Berlim e logo fundou outra em Viena. Ambas realizavam o tratamento psicanalítico a preços mais acessíveis ou gratuitos.

Frente a diversas organizações de regulamentação, atividades de ensino, debates sobre a formação do psicanalista entre outros, foi em 1923, com as reuniões propostas pelo instituto, que a formação analítica foi, pela primeira vez, no mundo, submetida às três prescrições sistemáticas utilizadas até a atualidade, consideradas obrigatórias para o ciclo de formação: análise didática, ensino teórico e supervisão. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Na policlínica realizavam-se diversos debates sobre a formação do psicanalista, a diferenciação entre análise didática e terapêutica, análise de controle, duração das sessões e dos tratamentos, dos pagamentos das sessões e da gratuidade da terapia e entre outros assuntos para a padronização da formação nas sociedades da IPA. (ROUDINESCO 1989).

Nessa época havia muitos debates sobre a formação berlinense e a vienense, desembocando, em 1926, em um projeto concreto que tinha a aceitação da maioria das sociedades, que apontava a necessidade urgente de se pôr ordem na legislação vigente e tirá-la do estado como era vista pela sociedade naquele momento. A velha batalha sobre análise leiga tornara-se uma guerra: o impedimento dos psicanalistas leigos em exercerem suas profissões de psicanalistas era cada vez mais constante.

Reitere-se que, de acordo com Freud, o psicanalista leigo é o não-médico, um profissional com possibilidade de atuação, desde que se dispusesse a passar pela formação analítica através de uma sociedade, realizando todas as etapas do ciclo de formação.

Mesmo no meio de muitas divergências teóricas, houve a colaboração para a divulgação das ideias de Freud e vários outros congressos realizados. O quarto deles foi em Munique (1913), e os subsequentes em Budapeste (1918), Haia (1920) e Berlim (1922).

O quarto período corresponde a 1926 a 1939 e foi marcado pela dissolução do comitê secreto em 1927, colocando fim no que Roudinesco (1989) descreveu como o reino das elites sobre as massas. Essa dissolução se deu no 9º Congresso Psicanalítico Internacional, em Bad Hombourg, na Alemanha, em 1926, em consequência de uma profissionalização do métier, que objetivava homogeneizar e impor regras no processo de formação do psicanalista,

Nesse evento, com a participação de aproximadamente quarenta delegados, em sessão presidida por Ferenczi, Eitingon fez um debate preliminar sobre as questões do ensino e propôs uma regulamentação, a qual foi aprovada por todos os participantes: que a análise didática fosse instaurada como regra obrigatória para formação dos psicanalistas. Em seu pronunciamento foram citadas algumas teses e as justificativas das mesmas sobre a questão da formação no domínio da psicanálise.

Esse período foi fundamental para a história da psicanálise na Europa, com destaque para a França. Logo após, em 1926, a Sociedade Psicanalítica de Paris veio à luz numa época em que a legalização da profissão de psicanalista estava em vias de se converter na realidade dominante da organização internacional do movimento.

No final de 1926, um paciente atendido por Theodor Reik (membro não médico da Sociedade Psicanalítica de Viena) processou-o, alegando a violação de uma antiga lei austríaca contra charlatanismo – lei que tornava ilegal que uma pessoa sem um grau médico tratasse de pacientes. O promotor público encerrou o processo após uma investigação preliminar e Reik ganhou o processo provando que o estado de sanidade mental do paciente era de desequilíbrio.

Freud, de imediato, dedica-se a escrever um trabalho para publicação, A questão da análise leiga, no qual se imagina dialogando com uma “pessoa imparcial” para explicar a prática da psicanálise. A intenção é mostrar a necessidade de uma qualificação específica para se tornar psicanalista, seja o candidato médico ou não. Nesse texto ele descreve sobre a transmissão da psicanálise, sua prática clínica, sua técnica e o desenvolvimento do tratamento.

Após relatos de fragmentos de casos clínicos, Freud questiona se a psicanálise deve ser praticada por médicos e não médicos (os leigos), ao mesmo tempo em que afirma que a prática da psicanálise deve ser feita por médicos, pois, é um método de cura das perturbações nervosas:

[...] os leigos não sejam realmente leigos, e que médicos não tenham exatamente as mesmas qualidades que se teria o direito de esperar deles e nos quais suas alegações devem basear-se. Se isto puder ser provado, haverá fundamentos justificáveis para exigir que a lei não seja aplicada sem modificação ao caso perante nós. (FREUD. 1926. p. 180).

Ainda assim, o autor enfatiza a importância da formação do psicanalista, que difere radicalmente da formação médica, e sustenta que a condição essencial para exercer a psicanálise é a análise pessoal. Ao longo do texto, Freud argumenta sobre a especificidade da formação de um psicanalista, ressaltando, como exigência comum da época - e também dos dias atuais - a análise pessoal, o ensino teórico e a supervisão clínica – o tripé da formação psicanalítica. Esclarece, ainda, que aquele que não tenha passado por essa formação específica, independentemente de ser médico ou não, é considerado um leigo.

Nesse mesmo texto, Freud (1926, p. 229) relembra:

Sei que isto é uma questão de princípio, sendo que sobre a resposta a ela as inclinações das pessoas de autoridade terão mais influência do que argumentos. Já estabeleci o que me parece falar em favor de uma política de *laissez faire*. Se a outra decisão for adotada - para uma política de intervenção ativa - então parece que em qualquer caso uma medida imperfeita e injusta de proibir implacavelmente a análise por “não-médicos” será um resultado insuficiente. Algo mais terá de ser considerado nesse caso: terão de serem lançadas condições sob as quais a prática da análise será permitida a todos aqueles que procurem dela fazer uso, terá de ser estabelecida uma autoridade da qual se possa aprender o que é a análise e que espécie de preparo se faz necessário para isso, e as possibilidades de instrução em análise terão de ser estimuladas. Devemos, portanto, ou deixar as coisas em paz ou estabelecer ordem e clareza; não devemos precipitar-nos numa situação complicada com uma única proibição isolada proveniente mecanicamente de um regulamento que se tornou inadequado.

Quando o autor faz referência a fixar essas condições, ainda não se refere a uma reforma da regulamentação da formação, propriamente dita, mas a uma preocupação, pois, a policlínica em Berlim já mantinha essa regulamentação estrita de formação.

Há uma referência de Freud (1926) sobre o termo analista didata, referindo-se à necessidade de os representantes das várias ciências mentais estudarem a psicanálise a fim de compreender sua aplicação, métodos e ângulos, enfatizando que o estudo não é suficiente; é necessário aprender a análise da única maneira possível - submetendo-se, eles próprios, a uma análise.

A questão da qualificação foi retomada por Freud em 1937, em *Análise terminável e interminável*, na qual afirma que o futuro psicanalista adquire, em sua própria análise, a qualificação de que necessitará para sua profissão, em que é transmitida a ideia sobre o desempenho completo da formação analítica na convicção firme da existência do inconsciente.

No texto de “*Construções em análise*” (1937), Freud defende que as qualificações necessárias para a profissão são encontradas na autoanálise, por meio da qual se inicia a preparação para a futura atividade. Ressalta, ainda, que, com a análise, o paciente passa pela experiência inconsciente, quando o material reprimido desponta, e percebe em si mesmo aspectos que de outra maneira seriam inacreditáveis para ele, que estavam recalcados e ou sublimados. Este e se mostra um primeiro exemplo da técnica que provou ser a única eficaz no trabalho analítico.

O autor relembra que só isso não basta para a formação de um psicanalista, já que a análise não é uma experiência em que todos quantos a ela se submeterem se tornam psicanalistas. A análise faz com que o analisando se encontre com sua própria investigação e sempre estimula uma busca fazendo o ego passar por processos de remodelamento para ser capaz de prosseguir em seu trabalho de investigação.

É possível, então, verificar ao longo da obra de Freud a preocupação que ele teve sobre a formação dos psicanalistas, a passagem do candidato à prática, o planejamento do tratamento, organizações a respeito da regulamentação referente ao ensino e à formação, do compromisso que o profissional deve ter com o tratamento e que haja uma atenção destinada na prática e na teoria.

A clínica não tem como objetivo a produção de psicanalistas nem existe um ritual de passagem de analisando a analista. A análise permite que o analisando se identifique com o trabalho de investigação do psicanalista, e não com a pessoa dele propiciando que ocorra uma análise.

Muitos foram os psicanalistas, ao longo da história, que se envolveram em questões institucionais relativas à formação do psicanalista. O médico psiquiatra Jacques Lacan desempenhou papel fundamental na história de formação da psicanálise e de grande repercussão no movimento psicanalítico.

Posteriormente à morte de Freud, Lacan estudou profundamente as obras desse autor, ao que ele mesmo denomina de “retorno a Freud”, inserindo novas ideias e reformulando

outras sobre a formação do psicanalista, sobre o tempo das sessões em análise e sobre a formação do psicanalista.

### 3.2 SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PARIS (SPP)

No final do ano de 1925, o psiquiatra e psicanalista René Laforgue, fundador do movimento psicanalítico francês, apresentou sua candidatura para filiar-se à Associação Psicanalítica Vienense e pediu para que a conferência tradicional fosse substituída por uma apresentação de seus trabalhos.

René Laforgue nasceu em Lodz, atual Polônia, era de uma família judia radicada na Galícia polonesa, integrada ao império russo. Estudou medicina e, fugindo do antissemitismo, emigrou para Zurique, refez seus estudos em medicina junto da psiquiatria de Bleuler, interessado em psicanálise. Foi a Berlim e pela terceira vez, refez seus estudos e, lá, foi analisado por Hanns Sachs. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Esse pedido foi aceito com unanimidade. Laforgue costumava trocar correspondências com Freud sobre o início do movimento psicanalítico francês, sobre a criação da *Revue Française de Psychanalyse*/ Revista Francesa de Psicanálise e do grupo de Evolução Psiquiátrica. Ainda em 1925, Rudolph Loewenstein foi a Paris com a ajuda da princesa Marie Bonaparte, encontrando-se com os iniciantes do freudismo francês; passou a participar do grupo da Evolução Psiquiátrica e da Sociedade Psicanalítica de Paris.

Analisada por Freud, em 1925, Marie Bonaparte dedicou grande parte de sua vida à psicanálise, era aluna-discípula dele e muito devota, grande admiradora do mestre, e ele, dela. Teve grande importância na história da psicanálise francesa. Contribuiu com uma considerável parcela de sua fortuna em prol da divulgação e popularização da psicanálise na França. Lutava em favor da análise leiga e, posteriormente, escreveu sobre a sexualidade feminina. Por causa do nazismo, Marie negociou a ida de Freud e família para Londres e, em 4 de junho de 1938, ele deixa Viena levando consigo todos os seus textos e obras, sendo bem acolhido pelas autoridades londrinas. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

A figura da princesa sobrepujou a de Laforgue no papel de líder do grupo parisiense, pois ele não ocupou lugar de um chefe de escola nem unificou um movimento para o processo de funcionamento burocrático da IPA. A SPP tinha duas frentes: os internacionalistas, formado por Marie Bonaparte, Loewenstein e Saussure, desejosos de impor as regras técnicas

de IA à formação didática e os chauvinistas, tendo a frente Pichon, Borel, Codet e Hesnard, decididos a fundar uma psicanálise francesa, que seria livre de qualquer germanidade.

Laforgue anunciara, em 1923, uma revista intitulada *Recueils d'Etudes Française* que nunca fora publicada; em lugar dela, e a contragosto dele, foi aprovada a criação da *Revue Française de Psychanalyse - RFP*. Houve um conflito entre Freud e o grupo Francês, no momento da criação da revista. Inicialmente, o título da revista seria *Revue Internationale de Psycho-analyse, Publiée sous Le Patronage Du Professor Freud*, entretanto, para não criar animosidade com Henri Claude, que tinha uma tímida participação na publicação da revista, mas era protetor da psicanálise e era de origem francesa, a frente chauvinista decidiu associar o nome dele ao de Freud.

Na data de 1º de agosto de 1926 realizou-se, em Genebra, a I Conferência dos Psicanalistas de Língua Francesa. Houve outras, nos anos de 1927, em Blois e em 1928, em Paris. Posteriormente, esse evento assumiu o título de “Congresso dos Psicanalistas de Língua Romana”. Laforgue, em um Congresso apresentou um relatório sobre a esquizonoia e a esquizofrenia. Nesse momento, já havia um grupo sendo direcionado para a construção da *Société Psychanalytique de Paris/ Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP)*, que só seria oficialmente fundada alguns meses depois.

A questão das publicações estava organizada e as traduções das obras de Freud eram feitas, na SPP, por Marie Bonaparte e Anne Berman. Paulette Laforgue, que era bilíngue, também participou; Édouard Pichon e Rudolph Loewenstein contribuíam com ilustrados conselhos, bem como René Laforgue entre outros.

Fora dessa sociedade, Simon Jankélévitch, médico, realizou várias traduções e Meyerson encarregou-se da *Traumdeutung* (Interpretação dos Sonhos, obra de Freud escrita em 1899 e publicada em 1900). Mesmo com toda essa colaboração, até a atualidade muitos dos textos de Freud estão pobremente traduzidos. Para Roudinesco (1989), esse fenômeno é decorrente do chauvinismo dos franceses, não somente na área da psicanálise, mas nas obras estrangeiras de modo geral.

A Sociedade Psicanalítica de Paris foi oficialmente fundada em 4 de novembro de 1926, como a primeira instituição oficial de psicanálise da França, com o reconhecimento da Associação Internacional de Psicanálise (IPA) e obedecendo às regras sobre análise didática obrigatória.

A SSP era composta por dois tipos de membros: os efetivos e os agregados. Os primeiros geriam o grupo e tinham como responsabilidade realizar tarefas administrativas e

eleger uma diretoria; esse grupo constituía-se de todos os doze fundadores. Os agregados eram aqueles que estavam em formação, destinados a se tornarem efetivos. (ROUDINESCO, 1989).

Desde a sua criação a entidade foi marcada por conflitos, ora relativos à publicação de artigos na revista, ora sobre problema dos estatutos. Pichon e Allendy promoveram a aprovação de um artigo que proibia publicação de artigos em idiomas que não fosse o francês. Marie Bonaparte ficou furiosa, alegando que a IPA era composta de várias nacionalidades e, desse modo, a própria sociedade seria impedida de fazer conferências na SPP. (ROUDINESCO, 1989).

Em 1932, Lacan iniciou seu processo de análise com o psicanalista Rudolph Loewenstein (o qual posteriormente se tornara um dos defensores da Psicologia do Ego em Nova Iorque – EUA), que durou aproximadamente sete anos, permanecendo até meados de 1939.

Em 1934, Lacan entrou para a Sociedade Psicanalítica de Paris – SPP, compondo a primeira geração do freudismo. Dois anos após tornou-se médico de hospitais psiquiátricos. Em 1938 se tornou membro titular da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP). Teve um percurso de formação psicanalítica convencional, exatamente de acordo com o que tiveram os outros membros da IPA. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

De acordo com essa mesma autora, o percurso de Lacan foi clássico e não marginal, como se afirma, erroneamente. Apesar dos conflitos existentes na SPP ao longo dos anos, os membros mantinham relações sociais e amistosas. Todos trabalhavam arduamente pela transmissão da psicanálise em intensão e em extensão. Esses termos são utilizados na Escola de Lacan para falar da garantia da transmissão da psicanálise com as modalidades de trabalho.

Psicanálise em intensão é o processo analítico, da passagem do analisante ao psicanalista, considerada a psicanálise levada até o fim; extensão é a transmissão e a aplicação do conceito da psicanálise, assim como a disseminação da teoria através de trabalhos escritos, publicações, participações em eventos, grupos de estudos e afins.

Na ocasião, já havia muitas críticas sobre o método de atendimento individual feito por Lacan. As sessões não seguiam o tempo padronizado pela IPA - duração de 50 minutos, quatro vezes por semana - e permitia a participação de analisantes nos seminários de ensino, o que não era admitido. Também por essa razão as sessões e o ensino de Lacan eram considerados pouco funcionais e de tempo insuficiente, sendo contestado, inclusive, na análise pessoal, questão sobre a qual pairava a dúvida de haver ou não sido realizada.

Há muitos debates e divergências no que concerne à formação do psicanalista e à normatização dessa formação pela IPA, que só reconhece e denomina como psicanalista aquele que esteve um tempo mínimo em formação, com a escolha de um analista dentre os psicanalistas nomeados didatas, no tempo pré-fixado de duração de análise didática.

Outras determinações foram impostas, como o cumprimento de um programa de ensino (em turmas organizadas em um ano letivo) e o atendimento de pacientes sob supervisão. O cumprimento dessas regras é a garantia de uma formação bem sucedida, da análise didática e do título de psicanalista.

No contexto da IPA, desde sua formação até a década de 1950, progressivamente, predominou a formação com base médico-psiquiátrica, o que se verificou, também, na Sociedade Psicanalítica de Paris. Fundada a partir de 1926, foi a partir da década de 1930, com a entrada do médico psiquiatra Jacques Lacan, que essa instituição foi marcada por novas ideias e interrogada a respeito dos efeitos didáticos da análise, para além de seus efeitos terapêuticos, conforme será visto nos capítulos seguintes a este.

Posteriormente, esses conflitos deram motivo à expulsão desse psicanalista, da SPP, e também da saída voluntária de outros como Lagache, Françoise Dolto, Favez-Boutonier e Reverchon-Jouve, que não concordavam com o estatuto e, em 1953, fundaram a Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP).

#### 4 JACQUES LACAN E A FORMAÇÃO DO PSICANALISTA

Atualmente, as instituições que seguem o ensino de Lacan são inúmeras, algumas o fazem de acordo com os textos fundadores e outras com alterações do funcionamento. Para se chegar ao conceito de Escola e à compreensão sobre formação do psicanalista, muitas instituições foram fundadas em nome da transmissão da psicanálise. A história das experiências de Lacan com as instituições e suas dissoluções até a atualidade serão discorridas neste capítulo.

Os textos fundadores, utilizados a partir dos escritos e seminários de Lacan, dedicados à compreensão dos assuntos sobre a fundação da Escola e a formação do psicanalista, considerados como referência são: Ato de Fundação (1964/2003), Proposição 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (1967/2003), Discurso na Escola Freudiana de Paris (1967/2003), Nota italiana (1973/2003), Carta de dissolução da EFP (1980/2008) e Carta para a Causa freudiana (1980/ 2008).

Antes de iniciar seu percurso como psicanalista, Lacan formou-se em medicina, especializando-se em neurologia e psiquiatria. No período de 1928-29 foi aluno de Gatian de Clérambault, a quem presta uma homenagem em sua tese de doutorado, reconhecendo-o como seu único mestre em psiquiatria. (JORGE; FERREIRA, 2011).

Além da teoria de Freud e do filósofo Alexandre Kojève sobre a filosofia hegeliana e a gênese do eu, Lacan interessou-se pela teoria elaborada em 1931, do psicólogo Henri Wallon, denominada Prova do Espelho (uma experiência por meio da qual a criança, colocada diante de um espelho, passa progressivamente a distinguir o próprio corpo na imagem refletida). Em 1936, como membro da *Société Psychanalytique de Paris* (SPP), retomou a teoria walloniana para criar o seu próprio conceito: o Estádio do Espelho. (ROUDINSECO; PLON, 1998).

O Estádio do Espelho é um momento psíquico e ontológico da evolução humana, situado entre os primeiros seis e dezoito meses de vida, durante o qual a criança antecipa o domínio sobre sua unidade corporal através de uma identificação com a imagem do semelhante e da percepção de sua própria imagem do semelhante e da percepção de sua própria imagem num espelho. (ROUDINSECO; PLON, 1998, p. 194).

Entre 1933 a 1965 inicia-se a era das cisões, tanto por divergências doutrinárias e correntes teóricas quanto pela técnica e o método de aplicação.

Mezan (2013) relembra os dois fatos devastadores que marcaram a história nesse momento: a Segunda Grande Guerra (1939-45) e a morte de Sigmund Freud (1939), que

contribuíram para que o grupo se separasse entre o antes e o depois. A morte do líder Freud, em 1939, provocou, ao longo de trinta anos, a criação de outras instituições; a Segunda Guerra Mundial desencadeou uma perseguição nazista aos psicanalistas que praticavam a ciência judaica e, por esse motivo, houve um grande número de emigrações a outros países.

Durante os anos 40 muitos psicanalistas, assim como Lacan, não fizeram publicação alguma e também se mantiveram em silêncio. Para Roudinesco (1998, p. 343), a emigração trouxe três consequências: o reforço do poder burocrático da IPA, a fragmentação do freudismo clássico em diversas correntes e o fim da supremacia alemã em prol da língua inglesa.

Lacan iniciou, em 1950, seus seminários, procurando realizar uma sucessiva revisão das obras de Freud e de seu modelo biológico, fazendo uma conexão desses assuntos com a psicanálise e a filosofia. Essa atividade de ensino produziu vinte e seis seminários e, conforme Jorge & Ferreira (2011), pode ser dividida em duas etapas.

Até 1950 Lacan se dedicou à leitura dos textos freudianos, das ciências antropológicas estrutural de Lévi-Strauss e da linguística de Saussure. No período de 1950 a 1952, paralelamente às atividades exercidas na SPP, investiga a matemática, a lógica e a topologia, aperfeiçoando os conceitos de real, simbólico e imaginário, em seminários realizados em sua casa, todas as quartas-feiras, com a leitura de dois casos clínicos de Freud, o Homem dos Ratos e o Homem dos Lobos.

As divergências entre os psicanalistas referentes às regras de formação do psicanalista e sobre os estatutos geraram conflitos que foram se acumulando ao longo dos anos e desgastando as relações entre os membros da SPP. Após muitas reuniões, discussões e dissensões, alguns psicanalistas se demitiram dessa instituição e, em 1953, Lagache fundou a *Société Française de Psychanalyse*/ Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), juntamente com F. Dolto, Favez-Boutonier, Reverchon-Jouve, Lacan e os representantes da terceira geração psicanalítica francesa: Didier Anzieu, Jean Laplanche, Jean-Bertrand Pontalis, Serge Leclair, François Perrier, Daniel Wildlöcher, Jenny Aubry, Octave Mannoni, Maud Mannoni, Wladimir Granoff e Moustapha Safouan.

Ao desligarem-se da instituição anterior, esses psicanalistas perderam a condição de membros da IPA, o que tornou a situação deles bastante delicada, pois, se por um lado questionaram e romperam com uma tradicional instituição psicanalítica francesa, por outro não pretendiam romper com a legitimidade freudiana.

A SFP, quando fundada, tinha um estatuto precário junto à IPA. Durante o período de sua existência, 1953-1964, enquanto os seminários de Lacan eram seguidos por um número cada vez maior de pessoas, os pedidos de reconhecimento dos fundadores, pela IPA, eram sempre a negados. O psicanalista S. Leclaire, no período de 1961-1965, foi membro da IPA e junto de W. Granoff e F. Perrier dedicou-se a esse reconhecimento para negociar uma reintegração da SFP. (QUINET, 2009/ ROUDINESCO; PLON. 1998.)

Essa manobra só conseguiu ser aceita na categoria de Grupo de Estudos e com a condição de seguir as *Recomendações de Edimburgo de 2 de agosto de 1961*. O documento regulamentava a duração das análises em quatro vezes por semana, sessões de 45 minutos e duração mínima de dois anos, proibia o analisante de frequentar o seminário de seu psicanalista e recomendava que Lacan e Dolto ficassem proibidos de formar didatas.

Lacan foi acusado de transgressor das regras técnicas e Dolto, de ter excessiva influência sobre seus alunos e não se preocupar suficientemente com as regras da análise didática. Segue o trecho com as recomendações impostas e aceitas pelos dirigentes da SFP:

a) que os doutores Dolto e Lacan tomem distância progressivamente do programa de formação e que não lhes sejam encaminhados novos casos de análise didática e de supervisão; b) que qualquer modificação no estatuto dos candidatos de Dolto e Lacan, atualmente em análise ou em supervisão, seja discutido com o Comitê Consultivo, antes de qualquer iniciativa em relação a eles; c) que suas análises e suas supervisões em curso de desenrolem em conformidade com as outras presentes recomendações. (QUINET, 2009. p. 70.)

Lacan decidiu recusar essa normatização e no dia 2 de agosto de 1963 *A diretriz de Stockholm* impôs a exclusão de Lacan das funções didáticas a fim de que a Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP) continuasse cadastrada na IPA, mesmo com o título de Grupo de Estudos.

No caso de Lacan, os focos de conflito sempre foram o encurtamento das sessões e a participação de analisantes no seminário de ensino do psicanalista, até se transformarem no que ele considerou ser sua excomunhão e culminarem com sua saída da SFP e fundação, em 1964, da Escola Freudiana de Paris Grande parte dos membros se posicionou ao lado da Lagache e ficou filiada à Associação Psicanalítica da França (APF), reconhecida pela Associação Internacional de Psicanálise.

De acordo com Quinet (2009), depois de *A diretriz de Stockholm*, em novembro de 1963, Lacan encerrou seu seminário no Hospital Saint-Anne com a primeira e única lição de “Os Nomes-do-Pai”; em dezembro, aqueles que ficaram ao lado de Lacan, na SFP, fundaram

o GEP (Grupo de Estudos de Psicanálise), decidindo pela ruptura com a IPA. Dos 182 membros da SFP, aproximadamente uma centena seguiu Lacan.

Em 1964, Lacan proferiu sobre os fundamentos da psicanálise em sua primeira lição (que versou sobre sua excomunhão) do Seminário 11, denominado “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, para um público novo – o público em geral, em um lugar novo e de grande prestígio intelectual: a Escola Normal Superior. Então, em 21 de junho de 1964, Lacan apresentou o Ato de fundação da Escola Francesa de Psicanálise, que recebeu a denominação definitiva de Escola Freudiana de Paris (QUINET, 2009. p. 71).

Considerando a oposição de Lacan ao regulamento das associações e sociedades psicanalíticas sobre a formação do psicanalista, bem como o tempo das sessões, o que ele pretendia ao fundar uma Escola de Psicanálise? Qual o diferencial do regulamento de Lacan na EFP? Como ele conseguiu seguir a teoria de Freud nos moldes de uma Escola? Afinal como era a Escola de Lacan?

#### 4.1 AS ESCOLAS FUNDADAS POR JACQUES LACAN

O objetivo da Escola de Lacan foi garantir a transmissão da psicanálise com as modalidades de trabalho. Para isso, concebe a psicanálise tanto em intensão, que é o processo analítico, da passagem do analisante ao psicanalista, considerada a psicanálise levada até o fim, quanto em extensão, que é a transmissão e a aplicação do conceito da psicanálise assim como a disseminação da teoria através de trabalhos escritos, publicações, participações em eventos, grupos de estudos e afins.

Toma-se o conceito de Escola como genuinamente lacaniano, porque implica em considerá-la como o real, na experiência analítica, que, de acordo com Lacan (2003), só é possível através da transmissão de um sujeito para outro sujeito, feita pela identificação e transferência.

O sujeito, identificado com a psicanálise, transmite sua identificação para outro sujeito que aceita partilhar da mesma identificação. Esse processo, denominado transferência, é uma passagem, uma transmissão inconsciente; não é, de modo algum, a decodificação do inconsciente, nem o ato psicanalítico, nem o desejo do psicanalista ao analisando.

Nos seminários de Lacan era comum a leitura de que não há formação do analista e sim do inconsciente. Isto porque o psicanalista não faz nenhum depósito de suas

identificações no analisando, este por sua vez faz uma escolha a partir das identificações e do seu próprio desejo em se tornar um psicanalista.

O paciente em análise detém o saber elaborado a partir das sessões na clínica, demonstra o que fez com o que aprendeu e elaborou durante a análise e como vai transmitir o conhecimento do que foi internalizado e engendrado.

Lacan (2003) escreve sobre a estrutura da psicanálise e a efetivação do funcionamento de uma formação em psicanálise, do tornar-se psicanalista. O princípio do psicanalista da Escola de só se autorizar de si mesmo significa que o sujeito decide uma posição, podendo se tornar um psicanalista sem entrar em uma instituição, mas a permanência desse lugar deve ser garantida por uma Escola.

Então, o aspecto fundamental que diferencia a Escola fundada por Lacan de outras instituições é o fato de que ela não se organizou em torno de um saber, em torno de uma única pessoa que ocupa um lugar exclusivo de mestre, mas preocupou-se em saber o que é psicanálise e como se tornar um psicanalista.

Para a Escola poder garantir um psicanalista, este precisaria, de modo formal, ter garantido essa posição com uma carta de intenções direcionada ao Cartel do passe (sobre o dispositivo do Passe e do Cartel do passe seguem-se detalhes no subitem 3.1.1). Portanto, há dois modos de tornar-se um psicanalista da Escola: sendo analista membro da escola – AME ou analista da escola – AE.

Entretanto, o psicanalista se torna como tal após bancar o seu próprio desejo. O sujeito faz um endereçamento das intenções à Escola para poder continuar e permitir ir além da transmissão da psicanálise no mundo e pelo progresso da Escola. Lacan (2003) deixa clara a finalidade dessa escola no Ato de Fundação, quando expõe os dois princípios inegáveis da formação do psicanalista: a articulação do “autorizar-se de si mesmo” e a garantia de formação através da Escola, pela via da análise pessoal, dos estudos e da supervisão dos casos clínicos, como será apresentado a seguir.

#### **4.1.1 Escola Freudiana de Paris (EFP): a revolução do Movimento Psicanalítico Francês de 1964**

Tendo como fundador Jacques Lacan, a *École Freudienne de Paris*/ Escola Freudiana de Paris (EFP) foi a primeira instituição a estudar Freud, conforme uma prática institucional baseada no princípio de academia tradicional, enquanto a IPA funcionava com uma dinâmica

de associações. Na EFP, Lacan fez a transmissão de seu ensino de acordo com a tradição grega, no conceito de escola, retirando, desse modo, o padrão hierárquico herdado da IPA.

Lacan se mostrou como símbolo da dissidência em nome da expansão e validação da psicanálise. Para Roudinesco (1986/1988), a república freudiana fundada por Lacan assemelha-se à sociedade vienense original, a uma mistura de monarquia e democracia ateniense composta pelos melhores psicanalistas da terceira geração francesa, os aristocratas intelectuais, que durante dez anos, de 1953 a 1963, seguiram o mestre sem pestanejar: Serge Leclaire, exímio seguidor do mestre freudiano, Moustapha Safouan, considerado um clínico soberbo, Solange Faladé, sua confidente, François Perrier, Piera Aulagnier, Wladimir Granoff, Jean Laplanche, Jean Bertrand Pontalis, dentre outros.

Lacan escreveu o Ato de Fundação antes do discurso de 21 de junho, junto com Leclaire, mas foi durante o verão que ele afirmou as estruturas da Escola Francesa de psicanálise (EFP). Redigiu muito rapidamente uma Nota Adjunta em que define a noção da análise didática e um Preâmbulo no qual anuncia sua opinião sobre a mudança do nome da nova Escola. Então, a EFP mantém a sigla, porém, em lugar de Escola Francesa de Psicanálise passou a se chamar Escola Freudiana de Paris; quanto a isso, Lacan publica:

Desta fundação podemos destacar, antes de mais nada, a questão de sua relação com o ensino, que não deixa sem garantia a decisão de seu ato./ Diremos que, por mais qualificados que sejam os que estiverem em condições de discutir esse ensino, a Escola não depende dele, nem tampouco o dispensa, já que ele se desenrola fora dela./ Se para este ensino, com efeito, a existência de uma plateia que ainda não tomou sua medida revelou-se no mesmo momento decisivo que impôs a Escola, é ainda mais importante marcar aquilo que os separa./ Escola Freudiana de Paris – esse título, mantido em reserva no ato de fundação, anuncia claramente, a quem se ativer a seus termos, as intenções de onde se procede. (LACAN, 1964/2003, p 242-43).

O primeiro título foi considerado inadequado por fazer alusão à extinta Sociedade Francesa de Psicanálise, cuja sigla (SFP) fora escolhida para favorecer a província da França, em oposição a Paris, ou seja, fazendo oposição a SPP. A SFP quis uma sigla que marcasse a diferença da sociedade anterior, e a EFP, que marcasse a diferença da SFP. È a identidade nacional em oposição à internacional. (ROUDINESCO, 1986/1988).

Ao trocar o nome da Escola, Lacan deixa bem claro que ela não pertence à Associação Internacional de Psicanálise (IPA), e a Escola Freudiana de Paris (EFP) passaram a ser, então, uma escola freudiana sem ser hierárquica, conservadora, centralizadora, que tem a “intenção de representar o organismo em que deve realizar-se um trabalho – que no campo aberto por Freud restaure a sega cortante de sua verdade; que reconduza a práxis original que ele instituiu sob o nome de psicanálise”. (LACAN, 1964, p. 320).

Em seu pronunciamento, Lacan deixou aberta a livre participação de todos, os não-médicos, os não-psicanalistas e os analisandos. Contudo, seria indispensável o trabalho voluntário pela psicanálise; nesse sentido, os que “vierem para esta Escola se comprometerão a cumprir uma tarefa sujeita a um controle interno e externo”. (LACAN, 1964).

Para a execução do trabalho, adotou-se a formação de um pequeno grupo de estudos denominado Cartel, que ainda hoje é utilizado como uma porta de entrada na Escola Lacaniana para a formação do analista. O cartel é um agrupamento de pessoas, cuja duração é de até dois anos. Todos os participantes escolhem um tema geral para ser estudado e, desse tema, cada pessoa escolhe um específico para discorrer em investigações e publicações durante este período. Composto por no mínimo três e no máximo cinco pessoas, escolhe-se um dos participantes do grupo para ser o elemento o qual será responsável pela seleção, discussão e destino do trabalho. A esse elemento denomina-se Mais-um.

O Mais-um recebe um cargo de direção, todavia, não se trata de um cargo de chefia, porque o dispositivo do cartel privilegia a produção original de cada um e não a reprodução do saber de um mestre. É o facilitador do grupo, com a função de incentivar, impulsionar, acalmar, secretariar, e supervisionar, tão somente quando for necessário ou solicitado.

O cartel é um importante dispositivo no aprendizado e transmissão da psicanálise, pois “além dos efeitos subjetivos do um a um, o trabalho de cartel tem efeitos não apenas sobre os laços de trabalho em nossa comunidade, mas também sobre o lugar da psicanálise no mundo” (ZAROWSKY, 2007).

Em 1964, Lacan (2003) propôs três seções, para assegurar a formação do psicanalista e para que a psicanálise fosse difundida e expandida. A Sessão de Psicanálise Pura se dedicava à doutrina da psicanálise, a prática desta, enquanto formação (análise didática), e a supervisão. Essa primeira seção, por sua vez, dividia-se em três subseções: a) doutrina da psicanálise pura, b) crítica interna de sua práxis como formação e c) supervisão dos psicanalistas em formação. Desse modo, constituía-se dos três pilares necessários para a formação do psicanalista.

A Seção de Psicanálise Aplicada era dedicada ao que significa terapêutica e clínica médica, avaliando os efeitos terapêuticos da psicanálise em sua confrontação com prática médica, com os saberes que circulam nas instituições de medicina ou de tratamento em geral. Também aqui há três subseções, sendo elas: a) doutrina do tratamento e de suas variações, b) casuística e c) informação psiquiátrica e prospecção médica.

Quinet (2009) comenta que Lacan colocou em pauta a clínica psicanalítica enquanto prática, a teoria da clínica, a apresentação de casos, o diálogo da psicanálise com a área médica e com a psiquiatria, o que serviu para compreender que “a psicanálise aplicada não é para ser inserida fora do âmbito da formação analítica e dos consultórios para que possa rebater as críticas das outras formas de tratamento”, ou seja, ela deve ser aplicada a um sujeito.

A Seção de Recenseamento do Campo Freudiano assegurava o levantamento e censura crítica de tudo o que era oferecido nesse campo, as publicações que se pretendia autorizar, compreendida, também, em três subseções: comentário contínuo do movimento psicanalítico, articulações com ciências afins e a ética da psicanálise, ou seja, a práxis de sua teoria.

A Escola não tinha a intenção de reunir a *práxis* com a ciência e igualmente não era uma sociedade científica, no sentido de reunir cientistas em torno de um saber verificável por todos; todavia, a ciência deveria estar presente na escola como horizonte de rigor.

Quinet (2009) comenta, ainda, que a psicanálise não é uma ciência, não se propõe transmitir tudo porque sabe que a verdade não pode ser dita por inteiro, devido ao recalque originário. Então, já que essa verdade não é plena, pois tem a interferência do recalque, Lacan a denomina como a “lógica do não-todo”. Essa lógica é o suporte da psicanálise, que implica em excluir toda ilusão de totalização do saber e de sua transmissão.

Se a pesquisa em psicanálise estuda o sujeito e suas relações com o inconsciente, a família, a sociedade, enfim, com o Outro, é possível, então, falar de uma interação com outros campos de saberes que igualmente estudam o homem. Esses campos também trabalham com o mesmo objeto da psicanálise – o inconsciente – mas dentro das teorias próprias e aplicações que lhe são atribuídas.

A articulação da psicanálise e da ciência foi frequentemente estudada por Lacan. Em 1936 ele inicia um movimento em busca da ciência e da verdade, e, em 1967, enunciou que a ciência produz um saber universal e válido para todos e, por este motivo, não é aplicável na psicanálise, porque cada sujeito é único e quando se trabalha com o sujeito do inconsciente não existe uma verdade e sim verdades.

Conforme Agnès (1993), a criação da Escola, em 1964, compreendia inovações como o trabalho em cartel e a invenção do conceito Psicanalista de Escola, em 1967. Desde a inauguração até a atualidade a Escola de Lacan continua sendo a única a articular e colocar em prática a passagem de analisando a psicanalista, com o término do tratamento.

Para ser aceito na Escola Freudiana de Paris, era preciso que o sujeito fizesse uma entrevista com Lacan e passar por um comitê denominado *Cardo* (em latim, *cardo* significa ponto de articulação). Esse procedimento não garantia que o candidato fosse considerado um psicanalista, porém era o bilhete de ingresso na Escola, que o tornava apto a participar das atividades.

Desse modo, ficava estabelecido que candidato tinha o direito de votar nas decisões da Escola e firmava um contrato de trabalho com a mesma, engajando-se como membro simples, como um aluno, conhecido por outras sociedades. Aos membros, ficava reservado o título de Analista Membro da Escola (AME) e Analista da Escola (AE). Dessa forma, Lacan rompeu com a metodologia tradicional de análise didática e terapêutica e resgatou a noção de análise pessoal. (ROUDINESCO, 1986/1988).

Para receber o título não era necessário um processo seletivo com várias etapas e uma aprovação prévia. Os membros deveriam combinar um tratamento com o psicanalista de sua livre escolha e não seria necessária a comunicação desse fato a nenhuma comissão. Aquele que quisesse obter o título de AME deveria solicitar, ele mesmo, a um júri de seleção. Junto a esse júri, o postulante firmava um novo acordo, uma espécie de contrato de trabalho com a Escola, que se referia à demanda de empreender um tratamento referido a um terceiro, que seria a supervisão de casos clínicos.

Esse seria o único momento em que o sujeito teria sua solicitação compartilhada, sigilosamente, com um júri. A seleção era feita pelo próprio postulante (que já teria efetivado ou estaria efetivando o tripé psicanalítico) juntamente ao diretor da Escola Freudiana de Paris, que, na ocasião, seria Lacan e o seu psicanalista. Em caso de aceitação o candidato receberia o título de Analista Membro da Escola. Após um número indefinido de supervisões, este poderia solicitar sua efetivação, ou seja, tornar-se um AE. Nesse caso, as pessoas que tivessem participado de sua formação constituiriam um júri de aprovação sob a presidência de Lacan, que concederia o título solicitado, tornando-se o Analista da Escola. (ROUDINESCO, 1986/1988).

O outro modo, também obrigatório, de ingressar na Escola era inscrever-se no dispositivo do cartel, em que todos podiam trabalhar juntos, os mais experientes e os iniciantes, os analistas, os que não eram didatas e os candidatos, todos no mesmo nível, sem hierarquia de categoria de trabalho, pois o Ato de Fundação tem como princípio a igualdade, e como referência o desejo de saber e transmitir e a transferência pelo trabalho em psicanálise.

Após três anos, Lacan escreveu o texto “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” (Lacan, 2003), que apresentou em uma assembleia da Escola, na data que consta no título. O texto propõe uma renovação sobre a formação do psicanalista da Escola, criando um novo grau, que descreve a diferença entre os membros em relação à análise e à formação psicanalítica, além de trazer uma discussão sobre hierarquia e grau, autorização e garantia.

Inicialmente os membros da EFP acataram de pronto, pois todos concordavam com as mudanças no critério de formação, com o tipo de ensino e hierarquia que se achava em vigor na Sociedade. Recusavam os modos como eram impostos os cânones na IPA, como a comissão de estudos, a pré-seleção dos candidatos, a análise didática; as supervisões com uma lista de supervisores, não podendo, o candidato, ser livre na escolha de seu mentor; as sessões com tempo cronológico, enfim, dentre todas essas regras, os membros também não concordavam com uma garantia que viesse de uma instituição.

Para Lacan (2003, p. 248), a frase “o psicanalista só se autoriza de si mesmo” não quer dizer que esse sujeito dependesse da Escola para a sua formação, uma vez que essa iniciativa seria dele mesmo. Logo, quem dava a garantia de se tornar um psicanalista era o próprio candidato a analista, através de sua própria autorização, porém, não destituída da Escola, que tinha, também, suas responsabilidades nessa formação.

A autorização de si não significava que qualquer um pudesse fazer o que quisesse e decidisse se autonear como um psicanalista quando bem entendesse. O sujeito se autorizar seria, então, um reconhecimento próprio do ser psicanalista a partir do que já tivera vivenciado e compreendido em sua experiência de análise, na condução da clínica com seus pacientes e da realização das supervisões para seus casos clínicos.

Não era um título outorgado por uma instituição que tornava alguém um psicanalista, mas era a autorização do próprio sujeito sobre si mesmo que dava essa garantia. Havia uma complementariedade da Escola para que o psicanalista permanecesse envolvido com o trabalho de psicanálise. E é por isso que o psicanalista que se autorizasse, por si só, deveria continuar na Escola, para ter a garantia, validação de seu trabalho e de sua implicação com a psicanálise em intensão e em extensão, e não apenas um título advindo de um grupo hierarquizado que ditava o que a pessoa iria ser. Assim, era a partir de sua prática e de seu desejo que alguém poderia se autorizar a se tornar um analista/psicanalista.

Todos tinham a mesma oportunidade de ingressar na Escola Freudiana de Paris, porque esta era para todos, mas, cada um teria uma condução diferente, decorrente do modo

como teria experienciado a análise pessoal e a formação, cujo resultado seria, para uns, o reconhecimento como analistas que ali fizeram sua formação e, para outros, como psicanalista da Escola.

Lacan (2003, p. 248) trata, portanto, de “estruturas asseguradas na psicanálise” e da garantia de “sua efetivação no psicanalista”.

Na “Proposição...”, vamos encontrar a psicanálise pura no *dispositivo do passe* e na *garantia de formação suficiente*. Os temas da psicanálise aplicada serão desenvolvidos na Seção Clínica do Departamento de Psicanálise, aberto em 1976, e as funções presentes na Seção das Conexões são disseminadas na Escola propriamente dita, nas universidades e nos fóruns (que Lacan propõe ao dissolver a Escola Freudiana de Paris). (QUINET, 2003, p.75).

É pertinente que se ressalte um breve adendo que esse mesmo autor faz a fim de informar sobre a situação, o funcionamento da Escola na atualidade, abordagem que será feita mais adiante, em capítulo específico. Observe-se esta informação:

Na estrutura atual do Campo Lacaniano, temos a psicanálise pura nos dispositivos da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, a psicanálise aplicada nas Formações Clínicas do Campo Lacaniano (oficinas, redes de pesquisa, clínicas psicanalíticas, seminários, apresentação de pacientes) e nos trabalhos em hospitais e universidades onde se encontram membros da Escola e nos Fóruns do Campo Lacaniano, onde também se faz o recenseamento do Campo Freudiano. Manter a orientação dessas três seções da Escola é colocar em prática o conceito da Escola de Lacan. (QUINET, 2003, p. 197).

Quando Lacan percebeu que a Escola que ele próprio fundou já não se sustentava mais na causa freudiana, lançou a Proposição. Para prosseguir com os fundamentos da doutrina, trazendo uma inovação para a formação do psicanalista, ele inseriu o mecanismo do passe, que é a possibilidade de um analisante colocar à prova sua própria análise. O sistema foi criado como forma de os analistas testemunharem suas próprias análises aos passadores, os quais se dirigiam ao Cartel do passe, separadamente, para relatarem o que ouviram. O cartel decidiria, então, se houvera ou não o passe, ou seja, a passagem de analisando para analista.

O passe é um dispositivo que serve à Escola, para que esta possa recolher exemplos de análise e verificar se o que ocorreu com o sujeito (passante) realmente chegou ao final de uma análise.

Com base no texto de Alberti (2007), observa-se que, para que uma análise propicie a formação de um psicanalista, é preciso saber como um sujeito passa por todo um processo que o leva, paradoxalmente, à destituição subjetiva e, daí, à posição de um psicanalista cujo desejo é levar outros a se interessar por investigar suas relações com a causa freudiana.

Se o passe é também um dispositivo que serve à Escola, é graças ao trabalho de cada passante que ela pode ganhar com esse dispositivo, é graças ao interesse de cada analisante que, com o passe, coloca sua análise à prova, pela Escola.

De acordo com Alberti (2007, p.27), assim funciona o dispositivo do “passe”, sua organização do processo e seus participantes:

- a) Passante: é o paciente, que fez sua análise e quer se tornar um Analista da Escola (AE);
- b) Passador: analisante de alguns AME que estão avançados em suas análises. São indicados pelos seus próprios psicanalistas quando esses indicam o final da análise; têm seus nomes sugeridos para figurarem na lista de passadores, operando com um trabalho de escuta em um encontro com o passante. No momento em que a Escola recebe um pedido de passe, por parte de um candidato a passante, a tal lista de passadores é consultada, a entrada do candidato no dispositivo do passe é admitida e este sorteará seus passadores da lista anteriormente montada. Em uma reunião, após os depoimentos, o passador se organiza para relatar a um cartel do passe o que ele escutou.
- c) Cartel do passe: organizados, conforme o cartel, por no mínimo três pessoas e no máximo quatro, e o Mais-Um. Os cartelizantes recolhem os relatos dos passadores e sem a presença destes discute o conteúdo dos relatos, no sentido de ter ou não havido a resposta das questões sobre o final de análise; em seguida, ocorre a passagem de analisante a analista ou a Analista da Escola (AE).
- d) Secretariado do passe: considerando que o passante, o passador e o cartel do passe estão todos implicados no dispositivo do passe, então deve haver um secretariado que organiza e recolhe os pedidos e os julga se estão pertinentes para entrevistar o passante. Os secretários são responsáveis por guardar a lista dos passadores recolhidos entre os AME e são avisados quando um depoimento do passe termina, para colocarem em andamento o funcionamento de um cartel – que recolherá os relatos dos depoimentos – e, por fim, informam ao passante o resultado do passe, bem como ao cartel, que comunica se foi possível a nomeação do candidato como analista da escola (AE). O Secretariado tem a palavra final de todo o processo e pode também fazer recomendações ao candidato, como a de retornar à análise, caso ele não receba a nomeação. Contudo, quem dá a resposta ao passante se o testemunho dele foi ou não aceito, é o passador.

Todos esses processos e dispositivos promovem e estruturam a nomeação do psicanalista na Escola, que faz com que o ele se submeta para ser nomeado como tal e promova na Escola a estruturação em torno de uma ausência do conceito estabelecido para a formação do psicanalista dispondo de um questionamento elementar para sua própria sustentação: o que é um psicanalista e como se torna psicanalista? Porém, a escola não responde a essas perguntas; ela faz com que o sujeito vivencie esses mecanismos, verificando o desejo e a transmissão dele e qual o percurso realizado para a obtenção de sua própria resposta, vindo se seu inconsciente, e autorizando-se a tornar psicanalista.

A Proposição constituiu um dos atos mais ousados e inovadores da história da formação do psicanalista, em todas as instituições. Importa, então, conhecer como os membros a receberam e como reagiram ao pronunciamento de Lacan.

Após o enunciado de Lacan, denominado “A proposição 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, que tratava do modo de funcionamento da Escola e a formação do psicanalista, a proposta teve um efeito estrondoso e, na ocasião, Lacan temia a oposição dos membros de seu primeiro diretório. Foi então que ele solicitou uma votação na qual, dos sessenta e seis votantes, quarenta e um mostraram-se favoráveis, sem discussão, cinco se abstiveram, quatorze apoiaram o *placet juxta modum* (indica uma opinião de reservas, que não é a favor nem contra, necessita melhores investigações para a decisão final). Entre eles, Louis Beirnaert, Jean Clavreul, Luce Irigaray, Lucien Israel, André Lehmann, Moutapha Safouan, Bernard This e alguns outros. Cinco membros foram absolutamente contra, dentre eles, Pierra Aulagnier, Guy Rossolato e Jean-Paul Valabrega.

Mesmo com um resultado favorável da maioria, para não fomentar ainda mais a crise ocasionada, Lacan decidiu adiar a submissão de seu projeto à votação. No dia seguinte à reunião, F. Perrier enviou uma carta a Lacan protestando sobre a omissão e os defeitos da Proposição quanto à formação do psicanalista e propôs uma nova redação estatutária; entretanto, esta também não condizia com a situação daquele momento e não trazia nenhuma solução para a crise da Escola Freudiana de Paris.

Houve, da parte dos opositores, algumas reações por meio de manifestos e cartas de críticas à Proposição enunciada: descrédito no dispositivo do passe, afirmações de que a única forma de falar sobre a própria análise seria através da supervisão, de que Lacan se mostrava soberano e autoritário, como presidente. Em 4 de dezembro, Pierra Aulagnier também se demitiu, interrompendo a publicação da revista *L’Inconscient*, a qual dirigia, já com oito números publicados. (ROUDINESCO, 1986/1988).

Após várias discussões que levantavam questões e arbitrariedades sobre o ensino de Lacan e o passe, a EFP passou pela terceira cisão do movimento francês, prosseguindo com suas atividades. Contudo, um novo grupo de dissidentes nasceu, o *Quatrième Groupe/ Quarto Grupo*, que, posteriormente, passou a se chamar *Organisation Psychanalytique de Langue Française* (Organização Psicanalítica de Língua Francesa – OPLF).

#### 4.1.2 A dissolução da Escola Freudiana de Paris (EFP)

A primazia dos ensinamentos lacanianos apregoados pela Escola Freudiana de Paris (EFP) foi desfeita em 5 de janeiro de 1980, pelo próprio criador, que, do mesmo modo como a fundou, anunciou também seu fim. Parte do texto que escreveu traz o seguinte: “Fundo – tão sozinho quanto sempre estive e minha relação com a causa psicanalítica – a Escola Francesa de Psicanálise [...]”. (LACAN, 2003, p. 229). O autor reconheceu o fracasso da experiência do passe na Escola Freudiana de Paris e enunciou a dissolução desta, marcada por vários desencontros e querelas.

O discurso de dissolução foi proferido no início de seu seminário semanal, como habitualmente fazia às terças-feiras, em Guitrancourt. Foi lida a Carta de dissolução, que mencionava a continuidade de seu ensino em outra entidade e que não cessaria de transmitir a psicanálise freudiana, afirmando: “[...] E convoco a se associarem mais uma vez aqueles que, neste janeiro de 1980, quiserem prosseguir com Lacan” (LACAN, 1956/2003).

Na Carta de dissolução, Lacan apresentou a dissolução da Escola Freudiana de Paris e comunicou que era chegada a hora do fim, que a Escola tornara-se uma instituição que não mais atendia a finalidade para a qual fora criada, tornando-se uma cópia daquele grupo que trabalha em cima de um discurso e coloca o mestre em um altar, tal e qual em uma igreja, efeito contra o qual Freud tanto relutou durante sua vida. Lacan também determinou que, em um período de dez dias, a diretoria reorganizasse os documentos, as correspondências, enfim, despachasse as pendências.

Apesar da força alcançada pelo pronunciamento, incluindo o alarde midiático, ele tinha apenas um valor simbólico. Para que tivesse valor jurídico e fosse validada, a carta precisava, obrigatoriamente, passar por uma assembleia, ser votada e aprovada. Por esse motivo, Lacan propôs a realização de uma última plenária da Escola Freudiana de Paris, de caráter extraordinário, para essa votação.

Os membros ficaram divididos em dois grupos: os seguidores de Jacques Alain Miller (que lutava pela permanência e disseminação do ensino de Lacan e como consequência concordava com a dissolução) e os que não concordavam e queriam a permanência da Escola, mesmo sem a presença de Lacan.

Havia também um terceiro grupo formado por aqueles que se inclinavam a recusar ambos os grupos e discordavam tanto da corrente milleriana que seguiam Jacques A. Miller, quanto dos outros que não queriam a dissolução. Contudo, estes não chegaram a constituir uma terceira força a ponto de influenciar as votações, pois não queriam nem a permanência de uma Escola, nem seguir Miller (ROUDINESCO, 1986/1988).

Seguindo com a literatura de Roudinesco (1986/1988), é possível entender que aquele seria um momento de decisões da assembleia geral. Lacan recebeu mais de mil cartas de pessoas interessadas em seguir seu ensino e, desse modo, em 21 de janeiro daquele ano, 1980, envia, aos remetentes, uma circular que anunciava a fundação da Causa Freudiana, que fez nascer, no mês seguinte, a nova escola. Somente em 27 de setembro de 1980, a dissolução da Escola Freudiana de Paris foi aprovada. Nesse ínterim, a Causa Freudiana seguia seu caminho e, em 22 de outubro, foi enviado e registrado o estatuto dessa nova organização, na prefeitura de Paris.

No dia seguinte, Lacan fez um pronunciamento, na organização, que ficou conhecido como Carta para a Causa Freudiana, na qual anuncia o modo de organização e administração, que estabelecia o funcionamento do cartel, um diretório responsável pela administração e uma comissão para auxiliá-los, ambos com a duração de dois anos. Ressaltou a importância de uma assembleia anual e uma administrativa, sendo esta última permanente e a realização de um congresso bianual com a participação de todos os interessados. Anuncia, por fim, que, para a garantia dos estatutos, seria eleito um conselho.

Em janeiro do ano seguinte, 1981, em plena fase de engatinhamento, a Causa foi atingida por vários pedidos de demissão, o que provocou a extenuação da mesma. Perante essa situação, o diretório decidiu criar a Escola da Causa Freudiana (ECF), que não se manifestou como uma nova dissolução, reavendo o estatuto da organização anterior e sendo juridicamente independente. Os estatutos anteriores foram revisados em duas plenárias com votos favoráveis à revisão dos estatutos anteriores e à constituição da ECF.

A Escola da Causa Freudiana foi uma escola considerada por Lacan como sua, na qual foi possível a transmissão da psicanálise com a formação do psicanalista através dos dispositivos do cartel e do passe. Alguns meses depois, em 9 de setembro de 1981, Jacques-

Marie Émile Lacan, o *père* da psicanálise francesa, parte definitivamente da mãe terra, deixando seus discípulos e toda sua causa, *a despeito de tudo e de todos*. (ROUDINESCO, 2011, p. 148).

## 5 A FORMAÇÃO DO PSICANALISTA NA ORGANIZAÇÃO PSICANALÍTICA DE LÍNGUA FRANCESA (OPLF)

Em janeiro de 1969, Piera Aulagnier, Cornelius Castoriadis, François Perrier, Jean-Paul Valabrega, entre outros intelectuais psicanalistas da época, demitem-se da EFP e fundam o *Quatrième Groupe* (Quarto Grupo), um grupo independente, sem adesão à IPA ou à ortodoxia lacaniana, posteriormente conhecido por *Organisation Psychanalytique de Langue Française* (Organização Psicanalítica de Língua Francesa – OPLF). Perante a diversidade teórica, questionam-se quais seriam os princípios da formação do psicanalista de acordo com a Organização Psicanalítica de Língua Francesa? Qual a diferença entre as outras entidades psicanalíticas e a OPLF?

Neste capítulo, contextualiza-se a construção do regulamento da OPLF referente à formação do psicanalista, passando por um resumo biográfico e teórico dos psicanalistas Piera Aulagnier e Cornelius Castoriadis. Adentra-se na teoria desses autores e investiga-se sobre a contribuição deles para a história da formação psicanalítica, discorrendo-se sobre novas ideias que trouxeram para a teoria da psicanálise.

A OPLF se denominou uma organização, portanto não era nem escola, nem sociedade. Era um grupo misto de referenciais teóricos, pois não seguia exclusivamente as teorias de Freud ou de Lacan; baseavam-se no primeiro, para elaboração de uma teoria pós-freudiana e, por esse motivo, não havia como algum participante reivindicar a exclusividade de direitos autorais provindas de uma herança teórica.

Os princípios norteadores foram criados em grupo e o objetivo era conduzir a organização nos moldes de um colegiado, no qual todos os dirigentes tinham igual direito de voz e voto e não havia centralização em um único chefe, todos os membros tinham uma função. Jean-Paul Moreigne e Jean-Paul Valabrega esboçaram as principais noções sobre como a organização funcionaria. (ROUDINESCO, 1986/1988).

Aulagnier ficou responsável pela criação de uma revista conhecida como *Topique*, nome escolhido por fazer uma alusão à tópica freudiana, termo que define o aparelho psíquico e o divide em duas etapas: a primeira tópica, com os conceitos que duraram de 1900 a 1920, Freud distinguiu o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. Na segunda tópica, fez intervir três instâncias: o id, o ego e o superego.

Logo na primeira edição, o tema principal da revista foi a formação do psicanalista. Quatro anos após, faria a publicação de uma obra de sucesso, *Le Psychanalyste*, que trazia

uma denúncia ao caráter sectário e religioso das sociedades psicanalíticas. (ROUDINESCO, 1986/1988).

Alguns meses após a fundação da OPLF, os estatutos foram entregues à prefeitura de Paris, especificando a função de cada membro dentro da organização. Segundo Roudinesco (1986/1988), a criação da OPLF pode ser dividida em três tempos que delimitam as particularidades da associação e a separação definitiva da EFP.

O primeiro tempo foi marcado pela redefinição do modo de funcionamento da organização. A estrutura organizacional consistia em três frentes: um conselho administrativo, um escritório executivo e as assembleias gerais ordinárias e extraordinárias. Havia membros efetivos e agregados, porém, somente os efetivos tinham direito a voto e usufruíam de todos os direitos institucionais.

Todos podiam ser reconhecidos como analistas, mas para alcançar o título tinha que ter passado pela análise pessoal. Aqueles que não haviam concluído a análise eram considerados como observadores na posição de requerentes.

Em relação à formação do psicanalista a regra era clara: não haveria passe, comissão ou a pré-seleção, sendo, então, instituída uma psicanálise plurirreferencial, que percorria o seguinte trâmite: como todos os outros, o tratamento é sigiloso. O candidato não seria julgado por nenhum júri ou júri, e o requerente ao título de efetivo seriam habilitados com a supervisão, pois é nesse aparato que se verificaria a relação do sujeito com seu inconsciente.

Ainda em 1969, foi repensado um segundo modo de funcionamento do Quarto Grupo. Em uma assembleia geral, em dezembro de 1970, foram discutidas e aprovadas as alterações. Compreendiam a necessidade de retomar a hierarquia, o curso e o modelo de adesão e de cooperação.

Valabrega fez algumas recomendações: que o psicanalista não tivesse nenhum poder de habilitação ou autorização sobre seus analisandos em relação a decisão deles de tornar-se psicanalista e, na instituição, que o nome supervisão fosse trocado por análise quarta, para designar o processo de habilitação dos psicanalistas. “A análise quarta põe em cena um paciente em análise, um candidato que é analista desse paciente, o analista do candidato e um outro analista (quatro)”. (ROUDINESCO, 1986/1988).

O modelo proposto por Valabrega englobava quatro elementos: o psicanalista (o próprio supervisionado) e seu paciente; o psicanalista desse psicanalista e o supervisor, que seria o quarto termo – daí o nome análise quarta.

No projeto apresentado por Valabrega para o seminário d'Ermenonville, em 1969, denominado “Déclaration sur les principes organisateurs, fonctionnels et formateurs consideres comme nécessaires dans um groupe de psychanalystes”, esses quatro elementos constam assim: “1) un patient en analyse; 2) un candidat qui est l’analyste du patient; 3) l’analyste du candidat; 4) un autre analyste”. (MENDES, 2012, p.52).

Valabrega considerava que a supervisão incide, justamente, sobre uma zona surda, que se refere ao que ele chama de resto de início de análise. Algo que se coloca desde o princípio e que se mantém silenciado até o fim, mas que poderá ter interferências diretas na contratransferência do analisando em posição de psicanalista. A análise quarta viria prevenir essa espécie de surdez em relação a si próprio, o desconhecimento do conteúdo latente que age sobre a relação do psicanalista com seu paciente. (MENDES, 2012).

Longe de ser uma prática de controle e vigilância exercidos no âmbito da formação do psicanalista, a supervisão ocupa um lugar de fundamental importância para a transmissão da Psicanálise. “As propostas de Kovács, Lacan e Valabrega contribuíram para fazer com que essa vigilância deixasse de ser um objetivo, para se tornar um risco que se corre quando as burocracias institucionais assumem a frente da formação”. (MENDES, 2012).

Valabrega acreditava que falar da própria análise com alguém que seja designado para essa função era inviável e ineficaz porque o sujeito em formação deveria falar de sua própria análise a um terceiro, e a situação mais indicada para se ouvir alguma coisa sobre isso seria a da supervisão.

Durante uma assembleia da OPLF, em 1970, ficou instituído que a definição de análise quarta, elaborada por Valabrega, tornar-se-ia o modelo a ser seguido pela associação para habilitação de candidatos. Esse novo modelo, denominado de análise quarta, fez parte de um movimento de oposição a algumas das práticas da EFP.

Na ocasião, os fundadores da organização também aproveitaram para inserir algumas nomenclaturas, denominando os participantes efetivos de cotistas – que assumem a constância e perpetuação da associação e, os agregados de contribuintes – usuários que participam dos trabalhos da OPLF.

Os contribuintes não eram registrados como membros, conforme outras instituições o faziam, não eram alunos nem praticantes, eram os ditos participantes. Ainda assim, teriam direitos a opiniões que seriam consideradas para decisões e deliberações dos cotistas. (ROUDINESCO, 1986/1988).

Nem todos os contribuintes eram analistas em formação e, por este motivo, não aspiravam ao título de cotista, contudo, contribuíam financeiramente, tornando a associação um lugar aberto a todos os interessados.

Quanto à formação do psicanalista, o grupo funcionava desde sua origem numa espécie de audiência fechada, com um número restrito de cotistas que conseguiam manter um bom relacionamento entre si, não permitindo que discórdias pessoais cindisse a organização, o que faz com que até hoje essa organização seja marcada pelo transculturalismo.

A organização funcionou durante quinze anos sem nenhum tipo de cisão ou desacordos agravantes, a não ser pela saída de François Perrier, em 1969, por não concordar com o comportamento do grupo. Ele entendeu que os participantes o retiraram do lugar de mestre, demonstrando o sentimento de ter sido ultrajado por essa decisão; considerou que os participantes estavam realizando sessões lentas e ocas e que o trabalho pela revista *Topique* estava demasiado lento, com pouca dedicação do grupo. Por fim, disse que a OPLF submeteu um pedido de aceitação à IPA (o que não era verdade). Depois de ter sido fundador e presidente da OPLF, demitiu-se da comissão de direção da *Topique* e, logo em seguida, do Quarto Grupo.

A saída de François Perrier foi significativa e gerou grande surpresa para um grupo de jovens considerados lacanianos, girando em torno de problemas de discordâncias pontuais e carência na comunicação entre os participantes.

Fundado a partir de uma discordância precisa com Lacan, o Quarto Grupo “não teve de fazer uma escolha dramática entre um mestre e um império. Por isso os fundadores não deixaram um mestre para ganhar um reino”. Aceitaram prontamente unindo-se numa sociedade em que a própria noção de chefe desapareceu do processo de habilitação. (ROUDINESCO, 1986/1988).

Apesar de ser completamente autônoma, era possível encontrar, na organização, entre 1969 e 1979, por toda parte, métodos de atendimento conforme os moldes da teoria de Freud – como na duração dos atendimentos clínicos de quarenta e cinco minutos – e a marca da herança deixada pelo lacanismo, em publicações de artigos ou nos textos escritos pelos membros do grupo.

O ano de 1983 marcou o terceiro tempo da história da fundação da organização, caracterizado pela reformulação dos princípios da formação, coletivamente redigida por Piera Aulagnier, Nathalie Zaltzman e Jean-Paul Valabrega. Nessa ocasião, o processo de habilitação foi especificado de maneira menos solta.

Para se tornar cotista, o candidato deveria prevalecer-se, no mínimo, de duas análises quartas em que pelo menos uma seria realizada com um cotista da OPLF, e duas a três sessões seriam interanalíticas.

Cinco anos após a dissolução da EFP a OPLF consuma uma nova reforma terminológica. Em junho de 1985, as designações de *cotistas e contribuintes* são substituídas pelas de *analistas-membros do QG* e *participantes das atividades do QG*. O estatuto dos membros não se modifica, mas, através dessa nova denominação, o grupo realiza um retorno simbólico as origens de seu rompimento. Em contraste com o antigo título de AE, ele reivindica uma noção de AME em termos quase idênticos aos que Lacan enunciara: o analista é reconhecido, a partir da supervisão, por uma competência. (ROUDINESCO, 1986/1988, p. 510).

Depois de instaurada uma espécie de contra-escola freudiana, subvertida às regulamentações ditatoriais sobre a formação do psicanalista dos institutos de psicanálise e da escola, o Quarto Grupo tornou-se realmente uma sociedade do pós-lacanismo, assim como suas correntes saídas da extinta EFP. Será considerado, então, um quarto momento na história da psicanálise.

Da fundação até os dias atuais, somando quarenta e seis anos de existência, após três grandes momentos históricos de aprimoramentos do estatuto, o Quarto Grupo continua existindo, respeitando a particularidade e diversidade das escolhas teóricas dos psicanalistas membros e de seus seguidores em formação.

## 6 FORMAÇÃO DO PSICANALISTA PARA PIERA AULAGNIER E CORNELIUS CASTORIADIS

Em prosseguimento às discussões sobre o tema desta pesquisa, pretende-se, aqui, fazer um recorte da teoria de Aulagnier e Castoriadis, apenas nos aspectos que dizem respeito ao conceito sobre a formação em psicanálise, à transmissão do saber e à prática clínica, sem a intenção de reduzir ou isolar as dimensões da teoria e do pensamento dos teóricos.

### 6.1 PIERA AULAGNIER (1923-1991)

Apresenta-se, a seguir, uma breve bibliografia cujos dados foram retirados da tese de Drubsky (2008) e da *Bibliographie Piera Aulagnier* disponível no site do *Quatrième Groupe*.

Nascida em 19 de novembro de 1923, em Milão, na Itália, Piera Aulagnier é considerada uma importante psicanalista que se notabilizou por desenvolver, entre outros trabalhos, temas relacionados à feminilidade, às perversões e à clínica das psicoses. Entre os muitos livros que publicou destacam-se: *A violência da interpretação* (1975), *Os destinos do prazer* (1979), *Em busca do sentido* (1980) e *O aprendiz de historiador e O mestre bruxo* (1984).

Aulagnier viveu no Egito durante a II Guerra Mundial e, posteriormente, formou-se em medicina, em Roma. Radicada em 1950 em Paris, onde terminou sua especialização em psiquiatria, analisou-se com Jacques Lacan, no período de 1955 a 1961, e foi uma de suas discípulas, assumindo o cargo de chefe do Departamento da Escola Freudiana de Paris.

Aulagnier figurou entre os membros titulares da SFP até 1963, ano da grande cisão entre os psicanalistas lacanianos e não-lacanianos. Nesse mesmo ano, juntamente com os psicanalistas Lacan, Leclair, Perrier, Valabrega fundou a EFP, que dirigiu a revista *L'Inconscient* na publicação de vários artigos.

No período de 1965-1966 Aulagnier dedicou-se aos estudos sobre perversão, cujo resultado foi a organização de uma coletânea de artigos sobre o tema, publicados em 1967, no livro *Le desir et la perversion* (O desejo e a perversão). Em 1969, após desavenças com Lacan sobre a aceitação de candidatos na formação de psicanalistas (especialmente sobre questões do dispositivo do passe) e o modo como ele conduzia os assuntos sobre análise didática, Aulagnier deixou a instituição, associando-se a outros psicanalistas dissidentes como François

Perrier e Jean-Paul Valabrega, que formaram o Quarto Grupo, denominado atualmente como Organização Psicanalítica da Língua Francesa (OPLF).

O grupo tinha um enfoque sociológico e culturalista, com ênfase nos movimentos que visavam à libertação da mulher e à prevalência grupal sobre o individual, modo como funciona até os dias atuais. (ZIMERMAN, 2008).

Na análise de Violante (2001), a obra de Aulagnier consolidou-se em muitos países, principalmente na França, porque renova a visão psicanalítica da relação da mãe com a criança, ressaltando a função identificatória do discurso e do desejo do pai de ter filhos e seu desejo por eles. Faz um resgate sobre a teoria freudiana e atribui o lugar do pai na constituição do sujeito psíquico, ressaltando a importância do desejo paterno na formação do sujeito, tão presente nas produções psicanalíticas.

Durante os dez primeiros anos como psiquiatra, Aulagnier trabalhou com pacientes psicóticos, tendo organizado vários seminários em Paris, no Hospital *Sainte-Anne*. Posteriormente, concebeu uma renovadora proposta metapsicológica, gerando um modelo de aparelho psíquico a partir de suas observações e experiências com pacientes psicóticos. Uma das suas grandes contribuições foi a Teoria do Encontro.

A teoria do encontro estuda a atividade psíquica que ocorre com o encontro do corpo da mãe e da criança, passando por três modos de funcionamento: o processo originário, o primário e o secundário. Cada qual tem uma forma específica de inscrever suas representações no psiquismo apresentando-se sob a forma de uma representação da coisa corporal denominada por Aulagnier como pictograma.

A psicanalista discorre, também, sobre as contribuições baseadas no estudo das psicoses, na prática analítica e ao estudo das funções do Eu. Investiga sobre a psicopatologia e teoriza sobre as potencialidades neurótica, psicótica e polimorfa, derivadas de conflitos identificatórios específicos, que obstaculizam as funções do Eu de pensar e investir e podem ou não manifestar-se através de sintomas.

A partir da experiência clínica com a psicose, que permitiu que essa autora entendesse e publicasse trabalhos sobre fenômenos como a regressão e os espaços de silêncio da vida psíquica, Aulagnier exclui o trabalho de criação e de interpretação operado pela psicose, trabalho que se manifesta em toda sua plenitude na atividade delirante.

O contato com o discurso psicótico fez com que Aulagnier compreendesse que, independente do conteúdo manifesto de seus enunciados, ela recebia este discurso como uma palavra-coisa-ação que, irrompendo em seu espaço psíquico, convocava-a a re-pensar sobre um tipo de resposta que parecia anacrônico e, muitas vezes, reduzido ao silêncio. Ou seja, foi o discurso psicótico que levou a autora a postular uma forma de atividade psíquica forcluída do conhecimento, apesar de sempre

operante, como um “fundo representativo” que se mantêm em paralelo aos outros dois tipos de produção psíquica que são os processos primário e secundário. (AULAGNIER *apud* DRUBSCKY, 1975, p.18).

Ainda de acordo com Drubscky (2007), Aulagnier apostou também na possibilidade de se falar em um “a – mais”.

Ao invés de alinhar-se aos discursos que definiam a psicose pelo índice de um a-menos em relação a um modelo pré-estabelecido, considerado normal, ela apostou na possibilidade de se falar em um “a - mais” que diz respeito à criação psicótica, ao trabalho de re-interpretação operado pela psicose. Segundo ela, este “a mais” teria a função de denunciar as diversas teorias que, em nome do desejo da mãe, da opressão social, do *double bind* [duplo vínculo – conceito para se referir a relacionamentos de afeto e agressão simultaneamente, grifo nosso], pretendiam reduzir a psicose e, sobretudo, a esquizofrenia, à resposta passiva forjada e pré-formada pelo desejo, pelo discurso e pela loucura dos outros.

De acordo com a tese de Drubscky (2008), Aulagnier fez um retorno aos questionamentos referentes ao modelo metapsicológico elaborado por Freud com o objetivo de “encontrar um acesso à análise da relação que o psicótico mantém com o discurso, que permita à experiência analítica uma ação mais próxima da ambição de seu projeto”. Para tanto, a autora propôs um novo modelo do aparelho psíquico, a partir de uma concepção muito própria do conceito de representação, denominada de representação pictográfica.

O psiquismo infantil experimenta o encontro de dois fragmentos particulares: o próprio corpo da criança e o espaço psíquico dos que a cercam – geralmente o espaço psíquico materno. Vemos em Drubscky (2008, p.68), que:

[...] a partir dos efeitos resultantes deste duplo encontro com o corpo e com as produções da psique materna que o psiquismo forjará a primeira representação de si mesmo como atividade representante. Neste momento inaugural a única qualidade destes espaços, do qual o processo originário quer e pode ser informado, são o prazer e o desprazer do afeto, presentes no momento deste encontro.

As atividades do processo primário e do processo secundário estabelecem dois outros aspectos particulares do objeto: o seu caráter de extraterritorialidade - o que indica o reconhecimento da existência de um espaço separado - e a propriedade de significação que esse mesmo objeto possui - o que alude em reconhecer que esse espaço exterior é regido pela relação entre os sentidos que o discurso atribui a esses elementos. Sendo assim, o encontro acontece entre a atividade psíquica e os elementos por ela metabolizáveis, e que informam as qualidades do objeto causa do afeto. Nesse momento inaugural, o psiquismo só tem acesso ao campo das intensidades. (DRUBSCKY, 2008).

Aulagnier teve influência de Lacan, em razão de ter caminhado, por muitos anos, com ele e em sua obra, em que teoriza sobre a psicanálise e as dimensões metapsicológicas e

metodológicas da prática clínica e da formação do psicanalista. Ainda assim, a autora se autodeclara freudiana.

Também figura como uma importante contribuição de Aulagnier a renovação da visão psicanalítica acerca da relação mãe-criança, A autora resgata a relevância da presença paterna e faz menção dos conceitos de violência primária - que aludem às frustrações impostas à criança e necessárias para a constituição biológica - e do de violência secundária - que se refere ao excesso de violência anterior e a permanência do desejo materno de controlar o pensamento, não respeitando a privacidade e a subjetividade da criança.

O conceito de violência também pode ser usado para compreender o modo de o psicanalista tratar seus pacientes. Aulagnier utiliza a expressão violência da interpretação, para caracterizar o importante fato de que é necessário distinguir quando o paciente sente a atividade interpretativa como uma violência (primária), embora seja necessária e adequada, daquela outra violência, pela qual o psicanalista quer impor seus valores, de qualquer jeito, sem uma sensibilidade e empatia com o analisando. (ZIMERMAN, 2008).

Aulagnier (1990, vol. I) discorre sobre a prática da análise e a linha imaginária que separam os psicanalistas que desejam propagar a psicanálise de um modo aberto para todos os que trabalham com investigações do psiquismo e entre aqueles que seguram a psicanálise dentro de seus guetos, não permitindo o compartilhamento da teoria a não analistas.

Apesar de ter sido considerada como umas das discípulas prediletas de Lacan, a autora discorda da teoria lacaniana no que se refere a formação do psicanalista através da obrigatoriedade do passe e das sessões que, ao longo do tempo, foram popularmente chamadas de sessões curtas.

Antes do processo primário postulado por Freud (1900;1915), o processo originário é um modo mais arcaico de funcionamento psíquico, o qual registra, na psique, o encontro inaugural da boca do bebê ao seio da mãe – boca-seio – por meio de um pictograma ou representação pictográfica, que se manterá em ação no decorrer de toda a vida do sujeito. É nesse momento que acontece o processo originário (VIOLANTE, 2001).

O originário é coextensivo a uma experiência que coloca em ação uma ou mais funções do corpo, em decorrência de excitações sensoriais. Em razão da exigência de representatividade, sua atividade própria de representação inscreve na psique uma imagem da coisa corporal.

A organização da atividade pictográfica reúne quatro principais elementos: o conjunto do corpo com a atividade sensorial; a exigência do trabalho do aparelho psíquico (a pressão da

pulsão); a sensação vivenciada pelo bebê de prazer e desprazer e, por fim, a vivência corporal e o afeto psíquico (AULAGNIER, 1979).

No nível do originário, o órgão sensorial boca se encontra com seu objeto complementar externo, o seio; o resultado desse encontro, prazeroso ou não, será o protótipo do elemento de informação libidinal passível de ser representado. Sendo assim, seio e boca representam uma unidade cujas partes se unem se houver prazer, todavia se repelem, se não houver esse prazer.

No originário, a psique tem uma representação de si própria, emprestada do corpo (do corpo do bebê), do sensorial, como fonte que engendra o prazer e o desprazer, e que faz com que o sujeito inicie as interpretações de mundo. É na relação mãe e bebê que a criança vai representar a unidade de seu próprio corpo separado do da mãe (AULAGNIER, 1990).

Acompanhando os pressupostos utilizados também pela psicanálise, de que toda história se constrói a partir do nascimento de um corpo e deve ser investido libidinalmente, o foco central da teoria é postulado do autoengendramento, que é ao mesmo tempo, o espaço psíquico e o espaço somático, sendo estes indissociáveis.

Tanto o conceito de pictograma quanto o de aparelho psíquico e de fantasia originária de Freud (1900, vol. II) respondem à mesma exigência clínica: ambos explicaram os fenômenos mentais, tornando compreensível a compilação do funcionamento mental, separando os que pertenciam à perspectiva biológica dos que pertenciam à perspectiva psíquica.

A fim de dar conta das alternâncias entre a presença e ausência da mãe, bem como os afetos e desafetos, o prazer e o desprazer, é que entra em cena o processo primário. O primário começa a ser o momento em que a psique começa a funcionar sozinha, sem ter necessariamente que haver a presença de um representante, ou seja, do Outro. É por meio do modo de funcionamento psíquico primário que a psique representa o vivido por uma fantasia ou representação fantasmática no registro do inconsciente. (VIOLANTE, 2001).

Não há fases de desenvolvimento etário, na teoria de Aulagnier, tampouco há estabelecimento de períodos específicos de cada processo. O processo originário é sucedido pelo primário que, com o advento do Eu, por sua vez, é sucedido pelo secundário. “O Eu é um Eu historizado que insere o bebê, desde o seu nascimento, numa ordem temporal e simbólica; já que este Eu nasce imerso na história edipiana dos pais e se constitui através de uma dialética identificatória.” (SCATOLIN, 2011).

Nesse sentido Aulagnier difere de Lacan (1955), pois este acredita que o inconsciente é estruturado pela linguagem, pelas leis da linguagem provinda do Outro. O Eu é também estruturado no que corresponde a uma organização psíquica, contudo, o sujeito não é, de modo algum, passível e submisso ao Outro, somente se estruturando com a entrada da linguagem. O Eu é constituído pela dimensão identificada e a identificante. O sujeito é uma instância identificante, o que significa que à medida que o Eu é antecipado pelo desejo e pelo discurso maternos, ele é constituído por duas dimensões: a identificada, que é provida pelo discurso materno, e a identificante, que não é produto passivo do discurso do Outro. (AULAGNIER, 1999).

A identificada é formada pelos pensamentos pelos quais a mãe imagina e pensa o Eu do bebê, podendo, inclusive, antecipá-lo e preservar em sua imaginação um ponto de certeza. Esse momento de pensamento e de anseios sobre o bebê, antes da sua chegada, é vivenciado como se a mãe, de tanto imaginar, já soubesse algo sobre o bebê e já destinasse, ou adivinhasse como ele será.

A dimensão identificante é esse agente da ação psíquica. Então, verifica-se que para a identificante existir, a identificada tem que fazer o seu papel de pensar o Eu do bebê para que a dimensão identificante aconteça e se preserve. A preservação de certos pontos de certeza no espaço do identificado é condição para que a unidade identificante-identificado se mantenha.

A identificação primária é, então, uma co-extensão da resposta materna, correspondente ao que Aulagnier denomina de demanda primária. Essa demanda é o lugar da libido e do desejo no inconsciente, é a precursora do Eu, na medida em que de modo fantasmático identifica-se a resposta dada ao desejo materno. (AULAGNIER, 1999).

O primário é reconstruído a partir da remodelagem feita do material fornecido pelo originário em atividade desde o nascimento, mesmo que nesse momento ele esteja se apoiando, ainda, no modelo corporal, no registro da fantasia. Desse modo, tem-se uma fantasmática do corpo e não somente uma especularização, como era no originário. Os produtos desse modo de funcionamento são as ideias ou representações ideativas e os enunciados. O secundário é o modo de funcionamento psíquico do Eu, é a instância enunciante.

### 6.1.2 Formação e desejo do psicanalista na teoria de Aulagnier

A pesquisa sobre a demanda de um saber psicanalítico perpassa todas as escolas e épocas conduzindo o método e a técnica psicanalítica. De acordo com Aulagnier (1990, vol. I), houve um reconhecimento tardio sobre a importância e reconhecimento de outros ramos do saber, na obra de Freud.

Aqueles que se dizem guardiões do saber psicanalítico correm o risco de transmitirem a teoria como algo novo. A imagem de seu saber, que lhes é devolvida, tem uma configuração do novo, do saber heterogêneo e adicional que faz com que o guardião permaneça no campo do mito, do mito do saber e da razão.

É nesse momento que o perigo alcança o ápice, pois, em certos casos, o heterogêneo alcança também a contradição, e a adição da transmissão particular do saber induz a uma desnaturação da teoria. O que fazer, então, com aqueles que nos demandam saber, que esperam e que entendem do discurso do psicanalista?

O psicanalista não é nem deve assumir uma posição de mestre. Isso significa que o psicanalista não deve ser o responsável por dizer o que é preciso fazer ao seu paciente e que este, deve obedecer-lo aguardando uma aprovação. Mesmo o paciente estando identificado com o psicanalista e com a análise, o objetivo do tratamento é conduzir o sujeito com questionamentos que os quais ele perceba seus impasses e a causa de seus próprios sintomas.

Aulagnier (1990, vol. I) questiona a fonte de saber do psicanalista e afirma que a adição das leituras das obras de Freud, mais a análise pessoal, mostram-se insuficientes para se formar um saber psicanalista. Restaria, então, um terceiro fator a acrescentar: o ser do psicanalista ou o fato de analisar. Ainda assim, a função desse terceiro item pode ser encoberta pela questão do que deveria ser demonstrado, como algo já resolvido.

De acordo com Aulagnier (1990, vol. I), a particularidade do saber do psicanalista resulta daquilo que sua relação com o saber tem de específico, entendendo-se, por isso, que a abertura que ele chegaria a manter com seu próprio inconsciente o colocaria ao abrigo das armadilhas de sua própria fala, da fascinação própria à posição do sujeito suposto saber e, portanto, do uso que ele pode fazer disso.

Qualquer que seja a categoria que reivindique como demanda, ele foi fator determinante para que o discípulo escute o psicanalista sem tomar a palavra dele como única verdade. Por esse motivo, acredita que deve haver o desejo do sujeito em ser analisado.

É na dialética entre demanda do sujeito e o desejo que ele atribui ao analista - ou seja, na dialética entre a demanda e a oferta de análise - que reside o suporte da transferência e que torna possível um processo de análise acontecer.

A transferência possibilita que o sujeito acredite no seu psicanalista, iniciando um processo de intersubjetividade entre o paciente e o objeto da transferência, que, em uma análise, é ocupado pelo psicanalista. A transferência não é pela pessoa do profissional e sim pelo lugar que ele ocupa no inconsciente do sujeito.

A partida analítica, após a transferência, se inicia no momento em que um sujeito demanda a outro sujeito – nesse caso o analista – empreender uma psicanálise. O que parece evidente e até um pouco óbvio revela um limiar delicado e necessita atenção. A demanda de análise não escapa à regra; antes de qualquer coisa, é preciso entendê-la como resposta à oferta que o psicanalista apresenta como garantia: o que lhe é demandado é identificado pelo demandante ao que supostamente ele oferece.

Nas questões que fazem correspondência com a teoria sobre o desejo e a demanda do sujeito, Aulagnier (1990, vol. I), concorda com a teoria de Lacan (1966/1998). “Por intermédio da demanda, todo o passado se entreabre, até os recônditos da primeira infância. Demandar: o sujeito nunca fez outra coisa, só pode viver por isso, e nós entramos na sequência.” (LACAN, 1966/1998, p. 623).

É dessa forma que a regressão analítica pode se produzir e se apresentar, mesmo trazendo memórias e projetos do passado, o sujeito sempre trará um conteúdo novo, com significantes comuns a serem analisados naquele momento por meio de demandas para as quais há uma prescrição e, por essa razão, regressão não é sinônimo de volta à infância ou adoção de comportamento de criança.

Aulagnier utiliza o conceito de demanda como uma identificação. No campo da prática clínica, é a análise que vai servir de suporte de uma demanda do sujeito (seja ela qual for). Esse suporte é a identificação dirigida ao psicanalista e da oferta desse psicanalista em atender o paciente.

De modo geral, o termo demanda sugere a presença de três entidades: um demandante, um objeto demandado e aquele a quem a demanda é dirigida. A demanda, nesse caso, define as posições respectivas que ligam entre si dois sujeitos.

O desejo de ser analista equivale à demanda de ser um profissional, não sendo diferente da demanda do neurótico, que é de amor, de reconhecimento. O sujeito que faz

análise decifra o inconsciente e não desemboca necessariamente no ato analítico em que há decisão de ser analista (QUINET, 2013).

O sujeito da demanda de uma análise se oferece por seu enunciado como objeto do desejo, que se resume em ter o psicanalista. O sujeito, então, espera assegurar-se de uma referência identificatória estável. Assim como na identificação primária, em que o bebê demanda o seio da mãe para alimentar-se, e esta, por sua vez, tem um desejo materno de que o bebê demande seu seio para a completude de seu desejo maternal, na prática clínica ocorre a mesma situação. Há um demandante de análise e um ofertante. (AULAGNIER, 1990, vol. I).

Porém, esse ofertante de análise é, também, um demandante de que o paciente aceite fazer e permanecer na análise. É preciso compreender a demanda de análise como uma resposta para a qual o analista se apresenta como garantia, ou seja, o que lhe é demandado é identificado como pelo demandante ao que ele supostamente ele oferece. (AULAGNIER, 1990, vol. I).

O desejo do analista é diferente do desejo do sujeito, porque não é inconsciente, não é o do Outro. É, sim, um desejo sem Outro, um operador lógico que nada tem que ver com o desejo do inconsciente do sujeito, pois não se conduz uma análise pelo desejo do psicanalista-sujeito e sim pelo desejo do profissional analista. Existe demanda quando existe um respondente. No lugar das repostas, o analista faz um questionamento que convida o sujeito a questionar-se, também, e, ao lançar a pergunta, o analista dá também uma resposta, um tipo de resposta.

Desse modo, o inconsciente do sujeito entende a proposta do analista, que não é a de dar respostas prontas, iniciando, assim, uma proteção contra a angústia, contra o desamparo, o que leva a supor que o psicanalista sabe tudo e tem as respostas que ele busca. Aulagnier (1990, p. 196) postula três tempos de sucessos na dialética identificatória:

- a) identificação primária – manifestação inaugural da atividade psíquica;
- b) identificação especular – tal como Lacan o descreveu (O estágio do espelho ordena-se a partir de uma experiência fundamental de identificação, onde a criança conquista a imagem do seu próprio corpo, promovendo a estruturação do eu. Para Lacan, antes do estágio do espelho a criança não experimenta seu corpo como uma unidade, mas sim como algo disperso) (ROUDISNESCO & PLON, 1998).
- c) identificação ao projeto – o aparecimento no sujeito de um primeiro enunciado identificatório que assinala a entrada do sujeito na temporalidade, tornando explícita para si mesmo a demanda e o traço identificatório.

A demanda de análise é, então, uma resposta à oferta do analista. O demandante começa pelo ato de fidelidade ao saber e ao poder com que investe o analista, que, para o paciente, é o detentor do poder e da certeza. Na busca de um mestre que possa responder à sua demanda, o sujeito fica numa posição identificatória com o psicanalista ao longo do percurso.

A estabilidade desse ponto prova que dialética demanda-oferta está sempre presente no tratamento, que permanece o pivô da transferência, sendo uma das finalidades do discurso do sujeito justamente assegurar que ela não esteja nunca excluída. (AULAGNIER, 1990, vol. I, p.221).

Isso significa que ao demandar análise o sujeito responde a uma oferta, a oferta do psicanalista, ou seja, a demanda identificatória, ao que, supostamente, o psicanalista deseja como resposta a sua oferta de análise, estabelecendo-se então a transferência. O demandante começa pelo ato de fidelidade ao saber e ao poder com o qual investe o psicanalista, colocando o analista no lugar de um mestre, imaginando que o mesmo seja perfeito.

A princípio, a busca em se fazer análise, seja ela pessoal ou didática, provinda do demandante ao ofertante é a mesma, levando-se em conta que podem ocorrer as seguintes situações:

- a) O paciente busca a análise pessoal, pois quer se tornar um psicanalista e, para esse percurso acontecer, ele vai falar ao seu psicanalista sobre as particularidades e dificuldades emocionais até se autorizar a tornar-se, então, um psicanalista.
- b) O paciente que não sabe o que é ser um psicanalista demanda, ao profissional que o atende, que este o oriente a lidar com as dificuldades pessoais e, por acréscimo, no final do tratamento, por via da identificação com o processo de análise, pode querer ou não ser um psicanalista.

Essa busca é um dos eixos elementares da trajetória que a transferência fornece, fazendo com que o sujeito chegue a uma posição identificatória ao longo da análise. O segundo postulado de Aulagnier (1990, vol. I) sobre a posição do sujeito, é sobre a dialética interna da demanda do demandante, da relação daquele que fala sobre seu projeto pessoal ao psicanalista.

A dialética interna e específica da demanda não se deixa aprender a não ser que possa haver acréscimos no modo de pensar do paciente que deseja tornar-se analista, uma adição que complementa seu modo de pensar. Então, quando o sujeito diz: “Demando tornar-me psicanalista” (isto é: demando estar em conformidade com a oferta), é possível acrescentar-se: “... e demando tornar-me conforme a imagem que de mim proponho”. (AULAGNIER, 1990, vol. I).

Quanto à verdade colocada em causa pelo sujeito em sua demanda por tornar-se psicanalista, ao adicionar esse complemento questiona-se: inserir esse complemento é compreender a verdade da demanda do sujeito ou é parte da fantasia de quem interpreta, inserindo o demandante em uma contradição absoluta?

Para obtenção da resposta, Aulagnier (1990, vol. I) vai mais além e questiona se ao demandar o desejo de tornar-se psicanalista o sujeito não estaria alienado do seu psicanalista, não podendo sustentar seu desejo interno e tomando, para si, uma demanda que não é sua, mas foi inculcada nele ao longo do tratamento. Então, de sujeito-suposto-saber o psicanalista se tornaria, também, o sujeito-suposto-desejante, desejante em fazer análise, de ser curado, de tornar-se psicanalista.

Desse modo, toda demanda de análise pode ser entendida como o enunciado pelo qual o sujeito se interroga sobre seu labirinto emocional e as questões particulares que o levaram a buscar uma análise. O sujeito demanda análise quando o Eu está afetado por um sofrimento que ele deve suportar para preservar seus investimentos, em si mesmo, em seu corpo, nos outros e na realidade.

Violante (2001) faz um esquema do processo analítico com ponto de partida e de chegada, e um meio de campo:

- a) A consideração de que o patológico no sujeito que demanda análise reside em sua relação com o prazer – patologia de seus investimentos; o sofrimento é patológico em virtude de suas consequências desastrosas sobre o funcionamento do Eu;
- b) A constatação de que os investimentos entre o originário e o pictograma e entre o primário e a fantasia acarretam consequências no tipo, forma e intensidade dos investimentos do Eu;
- c) A concepção segundo a qual o trabalho de análise só pode agir a partir da relação presente entre o Eu e o objeto real.

Como meio de campo, Violante (2001, p. 145) define:

A partida dessa relação presente entre o Eu e o objeto real e a tentativa de modificar o representante do primeiro objeto no originário e no primário, seguindo o caminho inverso àquele da constituição da atividade psíquica – no qual sucederam o pictograma, a fantasia e o pensamento.

Por fim, como ponto de chegada, além das aquisições supracitadas, permitir que a psique remobilize, quando necessário, alguns mecanismos de elucidação, de distanciamento, de interpretação, diante das provações que surgirão após a análise, facilitar um trabalho de sublimação que permitirá ao sujeito renunciar, sem que por isso pague caro demais, a certas satisfações pulsionais. (VIOLANTE, 2001).

Tanto Aulagnier quanto Lacan acreditam que a questão do tempo de duração das sessões é o analista quem decide, porém aquela diverge do pensamento deste, pois acredita

que deva haver um critério para essa escolha, e que o tempo de escuta das sessões não deva ser diferente, uma das outras, além de necessitar que seja compatível com a capacidade do psicanalista de poder suportar as tensões ouvidas durante as sessões.

### 6.1.3 Técnica psicanalítica

Uma das primeiras recomendações sobre o início do tratamento e a técnica da psicanálise em Freud (1913) é que, nas sessões preliminares da análise, o psicanalista deva permitir que o paciente fale quase todo o tempo para que o quadro de afecção seja compreendido sem pressa e para que seja possível realizar o diagnóstico.

Com relação a essa recomendação, Aulagnier (1990, vol I) postula que, entre psicanalista e paciente, no que concerne à aceitação destes na realização do tratamento, há um estranho pacto: o paciente aceita falar sobre sua história pessoal e suas próprias angústias e o analista, por sua vez, se coloca à disposição para escutá-lo, assegurando-lhe apenas a presença de uma escuta, bastando que o paciente fale. Esse estranho pacto adquire um sentido específico acerca do que significa, para o Eu do paciente, a demanda que o psicanalista lhe dirige: falar. Colocar em forma de palavras os pensamentos que o perturbam.

Desse modo, desde as sessões preliminares, o Eu do paciente é projetado pela análise no lugar de um sujeito que coloca atos de pensamento em atos de palavras. Atribui-se ao sujeito um poder-querer falar sobre seus pensamentos e, ao psicanalista, um saber-suposto sobre o desejo inconsciente em obra nestes momentos de pensamentos.

O tudo-dizer representa para o Eu uma ação mais perigosa do que o nada-fazer, se a regra fundamental exigir do sujeito que ele se prive de todo o poder de escolha sobre fazer-dizer. Podemos compreender as consequências desse perigo quando sabemos que toda neurose tem como *primum movens* um conflito identificatório no ser mesmo do Eu. (VIOLANTE, 2001).

Se o direito de dizer tudo, como tão bem escreve Blanchot, é a própria forma de liberdade humana, a ordem de dizer tudo implicaria para o sujeito ao qual fosse imposta, um estado de escravidão absoluta, transformando-o em um robô falante. (AULAGNIER, 1990, vol. I, p.257).

Para Aulagnier (1990, vol. I), a principal função da análise é favorecer a expressão do conjunto dessas representações do conflito identificatório que será falado e atualizado no momento da análise.

Preserva-se o direito e a possibilidade de criar pensamentos, e mais simplesmente de pensar, exige que se tenha o direito de escolher os pensamentos

que se comunica e aqueles dos quais se guarda segredo: essa é uma condição vital para o funcionamento do Eu. (AULAGNIER, 1990, vol. I, p.257).

Para o psicanalista, e também para o paciente, o trabalho psíquico provindo do processo de análise só consegue se sustentar se ambos puderem encontrar prazer nessa criação de pensamento que se chama análise. Não significa que ao obter esse prazer não se terá obtido também o oposto, ou seja, o desprazer; porém, com aquele primeiro, já foi instalado a transferência tornando possível a análise. Essa construção é resultado do trabalho psíquico e do trabalho de pensamento do analista e do paciente.

Violante (2001) explica que o que torna analítico o trabalho de análise é tomar como objeto o inconsciente, a formalização de conceitos a respeito do funcionamento psíquico, sobretudo do inconsciente e a formulação de uma teoria na qual psicanalista e paciente comportam o poder de modificação sobre a relação que se instaura entre aquele que interioriza a teoria, o Eu e o inconsciente. O resultado terapêutico da análise é o que vem comprovar a legitimidade do trabalho analítico.

## 6.2 CORNELIUS CASTORIADIS (1922-1997)

Cornelius Castoriadis nasceu em Constantinopla, em 1922. Após uma vida política de militância na Grécia e na França, pós II Guerra Mundial, no grupo Socialismo ou Barbárie, sua vida tomou novos rumos quando se naturalizou. Retomou seus estudos sobre filosofia e linguagem, que era sua paixão desde os 13 anos. Em 1960, fez sua análise pessoal e interessou-se pelos estudos de Freud. Em 1974 formou-se psicanalista na *École Freudienne de Paris/ Escola Freudiana de Paris*, com Jacques Lacan e Piera Aulagnier (dentre outros), e integrou o *Quatrième Groupe*. (TAURO, 2004).

De acordo com Rodrigues (1998), Castoriadis estudou direito, economia e filosofia em Atenas. Ainda adolescente, juntou-se às Juventudes Comunistas, na época com aproximadamente 13 anos de idade. Quando ocorreu a ocupação alemã em seu país, constituiu no interior do Partido Comunista Grego, um grupo que se opunha à política chauvinista, julgando-a, à época, mero desvio local, capaz de ser corrigido através da luta ideológica no interior do aparelho. Integrou-se com a organização de um grupo trotskista, liderado por uma figura importante da história da esquerda grega, Spiros Stinas, em que militou até emigrar para a França em 1945.

No contexto final da Segunda Guerra Mundial, diante de uma ordem dada pelo partido comunista grego, de se eliminar trotskistas e fascistas de extrema direita que ocuparam a

Grécia, Castoriadis sentiu-se ameaçado de morte e mudou-se para Paris a fim de escapar daquela situação e fazer o doutorado.

Em 1946, após integrar-se no grupo trotskistas local, uniu-se a Claude Lefort - discípulo de Merleau-Ponty - para fundar a revista Socialismo ou Barbárie (SouB). Até obter a nacionalidade francesa (1970), Castoriadis foi, paralelamente, economista Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Os anos de 1950 portaram inúmeros começos de novas vias a serem trilhadas pelo pensamento e ação políticos, até então bloqueadas pela rígida escolha forçada - Leste ou Oeste, Moscou ou Washington -, característica do ápice da Guerra Fria entre os mundos comunista e capitalista. (RODRIGUES,1998).

O caráter-gueto de Socialismo ou Barbárie não deriva, contudo, apenas da guerra fria Leste-Oeste. Ao chegar a Paris, a bordo do Mataroa, Castoriadis, assim como outros intelectuais, vem fugido da perseguição movida contra a esquerda grega. Não somente, porém, da repressão desencadeada pela aliança atlantista, como igualmente dos próprios comunistas.

No final dos anos 1950 e início de 1960, distanciou-se do marxismo e começou a escrever críticas a Marx e ao marxismo. Na década de 1960, Castoriadis retomou seus estudos de filosofia e linguagem e formou-se com Lacan em psicanálise. A partir de 1970, já naturalizado francês, começou a escrever em seu próprio nome, sem textos com pseudônimos e publicações escritas clandestinamente [devido a sua nacionalidade estrangeira] na revista SouB. Ministrou aulas de economia na Universidade de Paris X, em Nanterre, em 1976. Em 1979, na Universidade de Paris VIII, foi eleito Diretor da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*/ Escola de Altos estudos em Ciências Sociais em Paris aonde trabalhou até seu adoecimento, vindo a falecer de câncer em 1997. (TAURO, 2012).

Em 1974, Castoriadis reúne várias publicações as quais havia feito na revista Socialismo ou Barbárie e de outros tantos textos que escreveu e lança o livro *L'Institution imaginaire de la Société*/ A instituição imaginária da sociedade.

A primeira parte dessa obra é uma revisão da tradição marxista e também uma crítica radical, filosófica e política a Marx. Com uma crítica centrada no determinismo, da elaboração de Marx no Capital, o qual diz que Marx, nessa perspectiva determinista e economicista, levaria a que todos pensassem em uma tendência a um colapso inelutável do capitalismo, desconsiderando as lutas de classe entre proletariado e a burguesia, os diferentes

conflitos sociais, mas considerando o especial de classe como o elemento nuclear da dinâmica histórico-social da modernidade capitalista. (LAZZARI, 2013).

A partir daí, passou-se a enfatizar a importância das lutas sociais e de classe, além dos movimentos que abalaram o capitalismo francês, como o movimento de mulheres, de direitos civis dos negros norte-americanos, nas décadas de 1950 e 1960. Castoriadis sentiu-se motivado a aprofundar a ideia que há múltiplos sujeitos que questionam diferentes formas de dominação, que não se reduzem somente a uma condição de luta de classe e, portanto, não são redutíveis a uma condição socioeconômica. Para compreensão da crítica ao marxismo e a essa nova forma de pensar, pode-se ilustrar com os proletariados, nas lutas cotidianas das fábricas pelos espaços de trabalho, questionando a dominação do capital, ou a luta das mulheres questionando a hierarquia patriarcal, a luta dos jovens contra normas instituídas de forma autoritária por gerações mais velhas, ou dos negros contra o *Apartheid* entre outros.

Para tanto, Castoriadis pensou o conceito de autonomia, que era uma noção chave do seu pensamento político-filosófico, o qual postulava que há muitos sujeitos e grupos oprimidos. Não há uma única forma de dominação, tampouco um único sujeito principal da emancipação humana. Há diversos sujeitos, diversas formas de lutas e diferentes terrenos que perpassam o terreno do trabalho, a questão ético racial, por fim, há várias lutas que o levaram a questionar, há inúmeras formas de dominação, diferente do que prega o marxismo tradicional - há somente uma forma de que é uma questão de classe.

Nessa obra, no que concerne à psicanálise, Castoriadis propõe uma mudança na compreensão e na leitura da teoria freudiana, valorizando a instituição que é calcada no conceito de social-histórico e ponderando sobre a psique enquanto imaginação radical.

Dedicou-se aos estudos da psicanálise no livro “As Encruzilhadas do labirinto”, em que fez uma avaliação crítica das teorias de Freud e Lacan. Este foi o início de uma obra que contém seis volumes. Castoriadis não utilizava a psicanálise exclusivamente com fins terapêuticos; encontrou em Freud um interlocutor que pode contribuir para o desenvolvimento de suas ideias relacionadas ao imaginário radical e com a formação do sujeito.

Vemos então, que Castoriadis engajou-se nestas duas práticas: psicanálise e política. O pensamento dele sobre a psicanálise é pleno de questões políticas. Suas ideias têm por escopo utilizar a teoria freudiana para ajudar a compreender o sujeito, a sociedade e explicar como uma teoria influencia a outro. Apoiou-se em um universo de teorias antes de definir a sua, passando pelos estudos do comunismo, regime do qual foi militante, e depois rompeu com o comunismo de Marx, dialogando com grandes pensadores como Lenin, Trotsky e Freud.

Também tem um amplo repertório no grupo de pensadores da antiguidade como os pré-socráticos, a tragédia grega, Aristóteles, Kant, Hegel.

Todas essas referências contribuíram para que Castoriadis pensasse a modernidade ocidental a partir do enfoque da criação humana e da autonomia.

Castoriadis se apoiou em Freud para criar sua própria teoria relacionada com imaginário radical e a formação do sujeito. Essas ideias são permeadas pela disposição do autor em encontrar as bases o qual se ergue para outra noção fundamental no seu sistema de pensamento, a autonomia.

O projeto da autonomia é entendido por Castoriadis como um projeto de emancipação humana. Algo que visa a uma sociedade sem dominantes e dominados o qual os humanos criam formas de gestão de autogoverno. Lazzari (2013) resume que com as inúmeras metamorfoses sociopolíticas e econômicas é que surge a democracia moderna. A sociedade autônoma é uma sociedade cuja lei principal é aquela em que nós mesmos mudamos as leis, somos nós que em inúmeras instâncias ditamos a forma como devemos viver, não o Estado nem a Política, nem Deus, nem a Igreja, nem o capital, nem ninguém que determina as regras do viver em comum, senão nós mesmos, ou seja, caracteriza um autogoverno.

A autonomia, nesse contexto, ocupa um campo de reflexão filosófica que faz uma ligação no desenvolvimento da psique humana. É um propósito de Castoriadis a fim de tornar a psicanálise um projeto de autonomia humana e, ao mesmo tempo, uma orientação política para a sociedade instituinte.

A sociedade vive num conformismo tão grande que confundiu a democracia com liberdade de todos e de cada um como se fosse um autogoverno, mas, na verdade, o que se tem é um regime político social, que é oligárquico no qual existem camadas que são eleitas para tomar decisões e controlar e definir o modo como se vive. Desse modo, de acordo com Castoriadis, jamais se pode definir o mundo em que se vive como democrático.

Para Rotolo (2011), as ideias de Castoriadis constituem uma teia complexa que atravessa diversos campos distintos do conhecimento e tem como característica comum a defesa incansável da autonomia, seja na prática política do movimento revolucionário internacional ou como movimento ontológico que marca a existência dos seres humanos e da sociedade.

Castoriadis considerou a psicanálise como uma atividade prático-poética, que é o encontro das intervenções interpretativas do psicanalista com a reflexão que o paciente faz após esta intervenção. Então, Castoriadis aproveita a teoria freudiana e seus estudos políticos

para construir a teoria sobre sociedade, do indivíduo e da política. As questões trazidas pela psicanálise se apresentavam como uma ajuda para suas interrogações políticas e, com isso, deixou também importantes contribuições no movimento psicanalítico.

Para Rotolo (2011), Castoriadis utilizou a psicanálise para deixar três grandes contribuições: 1) demonstrar a origem social do sujeito; 2) afirmar o papel central do imaginário na construção tanto da subjetividade como também da vida social; 3) o final do tratamento psicanalítico como um projeto de emancipação para a vida social.

Podemos comparar a emancipação da vida social como uma cura, no sentido de equilíbrio que o sujeito passa a ter entre os desejos incessantes do sujeito e suas limitações sociais em se buscar algo. Por isso Castoriadis relaciona a autonomia com o conceito de interdição, de autolimitação. A autonomia é a capacidade para decidir e julgar livremente o que tem como consequência a responsabilidade social é o domínio do consciente sobre o inconsciente.

A autonomia é explicada no plano individual e coletivo e Castoriadis (1982) o que é um indivíduo e uma sociedade autônoma a partir do modelo de aparelho psíquico de Freud sobre o inconsciente.

Em Rotolo (2011) vê-se que a psicanálise contribui para uma teoria do sujeito dentro de duas grandes tradições do pensamento filosófico-ocidental: a primeira segue Descartes, é a que entende o sujeito como um indivíduo mônada, fechado em si mesmo. Neste caso, pode-se dizer que é o sujeito que determina o mundo. O segundo pensamento sai do conceito de sujeito somente como uma estrutura unitária e passa a considerar, também, as influências das estruturas sociais. Neste caso, o sujeito é constituído também pelo meio social no qual está inserido.

O ser humano é, inicialmente, uma mônada psíquica fechada em si mesma, onipotente, que, ao interiorizar as significações imaginárias sociais, elas próprias, criações social-históricas vão se socializando. Resguarda-se sempre na ambivalência dos afetos inconscientes – amor e ódio – em relação aos objetos psíquicos primordiais e sob as pressões das instituições sociais, vai sendo dominada, parte dela renuncia à onipotência.

Esse momento de reflexão que o paciente faz junto de seu próprio inconsciente é o que Castoriadis denominou de imaginário radical. É a transcendência do substrato biológico o qual permite que o ser humano se torne único em relação aos outros animais e como consequência, tem-se a criação da subjetividade.

Mesmo quando ocorre um recalçamento das emoções, o sujeito, ainda assim, faz uma reflexão, porém, o que se opera numa análise deve propiciar espaço para que possa interrogar-se sobre o lugar em que ele se coloca perante seus desafios particulares, como ele lida com isso, que lugar ele ocupa na sociedade e pensar como ele age perante seus pressupostos particulares.

Estabeleceu para si a tarefa de elaborar um aparelho conceitual inédito com a finalidade de apreender a história como criação (do novo), a sociedade como instituição imaginária (dela própria, do discurso do conjunto e do mundo) e o imaginário social como potência de invenção de significações (mitos, ideologias, organização, ciência, etc.), que dotam o mundo de sentido e sustentam a unidade-identidade da sociedade. (LOBO, 2011).

Seguindo este pensamento, vemos que a criação humana institui a autocriação da humanidade dentro da instituição imaginária da sociedade e, igualmente por ela, formando assim, a criação na e pela história das instituições sociais globais inéditas, que correspondem cada vez a uma instituição imaginária específica. Outra questão originária da psicanálise tratada por Castoriadis é referente à origem do aparelho psíquico do ser humano.

O autor pondera o primeiro estágio de vida, afirmando que, muito antes do complexo de Édipo, há um estágio monádico, que é o mesmo que um estado psíquico anterior ao nascimento, uma vez que até então, o único contato que o feto tem é com ele próprio: só ele existe; não há, nem tem como haver, algo mais. Esta é considerada, então, a primeira forma de existência de algo que se possa dizer psíquico. Na mônada, não há qualquer diferenciação entre representação e desejo, desejo e objeto ou ainda dos objetos entre si: a representação está imersa na percepção, o que se deseja é o que se é. (TAURO; BALTHAZAR; FURTADO, 2008).

A questão da sociedade e da história é entendida como uma mesma questão, por isso o nome social-histórico e a formação do psicanalista, bem como a relação psicanalista-psicanalizando é baseada por pilares sociais dentro de uma organização conjuntista imaginária. O diferencial de Castoriadis perante outros teóricos é também o modo como ele entendia a cultura e as influências nos sintomas do sujeito. Ele não tinha a intenção de decifrar a cultura do mesmo jeito o qual decifrava a psique, e, embora considerando bastante a cultura, os elementos da psicanálise serviam a Castoriadis para uma ontologia política do sujeito., compreendendo questões do imaginário e da autonomia do sujeito.

De acordo com Castoriadis (1982), tudo o que existe em qualquer domínio se presta a uma organização conjuntista-identitária e não é correspondente a esta. Ao mesmo tempo em

que se presta a ela interminavelmente, presta-se de maneira vazia, oferecendo-lhe um ponto de apoio pouco eficaz de modo que não é possível pensar essa construção por uma ótica simples atribuível ao poder do saber. “Só é possível conjuntizar o que é, porque o que é, é conjuntizável; só podemos categorizá-lo, porque é categorizável.”

Toda conjuntização e categorização mostra-se, em algum momento de sua existência, parcial e fragmentária e, como consequência, não sustenta a coerência de suas ideias e ideais. Todas as organizações como escola, política, trabalho, instituições privadas são constituídas socialmente, logo, do mesmo modo, estão passíveis de serem destituídas socialmente.

Castoriadis (1982) acredita que a destituição também tem seu grau de importância social (não que seja positivo, mas importante), porque o modo de representação das instituições é simbólico e o coletivo destrói ou constrói, a todo o momento, essas representações simbólicas fazendo com que os indivíduos façam desse movimento um novo significado àquilo que criaram.

Por esse motivo, a criação de uma sociedade ou uma escola de psicanálise não se sustenta sempre do mesmo modo, com a mesma estrutura. As organizações estão inseridas no contexto de criação social e histórico e tudo o que se encontra inserido nesse contexto tem um entrelaçamento com o simbólico.

Ao se pensar no nascimento da psicanálise e na história de formação do psicanalista ao longo dos anos, será possível ver que as tentativas de consolidações hierárquicas que surgiram ao longo do movimento psicanalítico, bem como a criação dos regimentos internos, de atos individuais (análise pessoal e didática) e coletivos (congressos, seminários, publicações entre outros) que os psicanalistas fizeram, foram tentativas honestas de consolidar a psicanálise e as instituições, porém, não poderiam jamais ter uma sustentação única em um modelo ideal dentro de uma lógica identitária.

Castoriadis (1982) postula que as categorias e as determinações centrais da lógica identitária desmantelam-se ao contato do social-histórico. Na análise de Tauro (2012),

[...] geralmente não somos levados a perceber que o Estado, o seu modelo educacional, a forma como o trabalho é organizado em sociedade, etc, são construtos sociais, portanto, passíveis de serem destituídos, para que novas representações simbólicas dessas instituições coletivas surjam junto à prática social, fazendo com que os indivíduos deem um novo significado ao que criaram.

Essa mesma formatação é encontrada na criação da organização, nesse caso, psicanalítica. Por pertencerem à ordem do simbólico, essas formas de organizações geram problemas para o indivíduo e para a sociedade, pois estão inseridas em um magma de

significações que, em contato com a relação dos indivíduos, colocam fora de alcance seu modo de ser.

A psique também é socializada, pois, no momento em que o sujeito é capaz de constituir-se em várias instituições - família, escola, igreja, trabalho, grupos culturais diversos -, está criando um sentido para si e para o mundo. Deste modo, a representação só pode formar-se na e pela psique.

A psique é a capacidade de fazer uma primeira representação, um primeiro núcleo representativo, uma colocação do que seria entendido pelo bebê como vida, através de imagem. Então, a primeira etapa de constituição dessa experiência pressupõe a capacidade da psique de se organizar em uma experiência. Essa experiência, essa capacidade de organização insere o sujeito num desenvolvimento imerso na e pela história.

Para Castoriadis (1982), a questão da psique não é separada da questão do social-histórico, uma vez que, quando se fala de instituição social-histórica do indivíduo, fala-se também de tudo o que constitui e transforma o indivíduo social dentro de uma realidade psíquica, de toda a forma de existência do sujeito que se distingue da realidade material, na medida em que é dominada pelo desejo. Sendo assim, o nascimento social do indivíduo é indissociável de uma psicogênese.

Na transformação da mônada psíquica, em indivíduo social para o qual existem outros indivíduos, objetos, sociedade, instituições, enfim, coisas que originalmente não têm sentido e existência para a psique, então, pode-se considerar que estes estão no momento da mônada psíquica, pois ainda estão por romper a unidade que está tomando um formato.

O que se pode notar, em Castoriadis, é que o sujeito não é indivíduo idêntico a si mesmo, marginalizado dos acontecimentos sociais, culturais e históricos, mas também não é um refém dessa situação; ele é um produto da esfera social. Então, há uma mônada psíquica na vida de cada sujeito, contudo, esta é formada por influências social-históricas.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção da pesquisa foi mostrar os dispositivos de formação do psicanalista, bem como o período o qual a psicanálise foi fundada, quais foram as dificuldades enfrentadas e como ela esta sendo seguida e utilizada tanto na teoria quanto aplicada a outros campos de trabalho.

Verificamos que compreender a história do movimento psicanalítico e a forma pela qual se transmite este saber e suas particularidades teóricas conforme a visão de Freud, Lacan, Aulagnier e Castoriadis é imprescindível. Por isso foi necessário também, compreender os fundamentos das escolas de psicanálise e as condições que envolvem a formação do psicanalista.

Além de pesquisar a formação dos psicanalistas, o desafio encontrado ao longo dos estudos com a dissertação, foi à compreensão da interferência social-histórica, em especial das Grandes Guerras na constituição dos escritos e de toda a obra de Freud. Para que pudesse tornar-se mais científico, as obras sofreram uma adequação na escrita após as guerras.

Essa adequação demonstra que o que estudamos na atualidade do século XXI foi transformado, logo, podemos pensar que a verdade da teoria é também adequada pelo momento social e histórico de um país, com inserções da escrita cultural e local, com suas particularidades e singularidades para o idioma e também compreensão do contexto. Sendo assim, podemos compreender a máxima lacaniana de que a verdade não existe como verdadeira, no sentido em que, tudo o que hoje estudamos e acreditamos, foi modificado para que pudesse caber numa compreensão universal.

De modo algum pretendemos explicar a guerra com a psicanálise tampouco analisar pormenorizadamente como a teoria psicanalítica foi influenciada pela guerra, mas sim, tomar conhecimento de como a crueldade e a destruição como realidade do psiquismo, pode influenciar na formação do psicanalista e, deste modo extrair um conhecimento teórico.

As guerras não são somente acontecimentos terríveis que ficaram no passado, e sim acontecimentos que incorporam o modo de viver de toda a população, são acontecimentos inexoráveis que mudam radicalmente o contexto social e histórico, com repercussões também na psicanálise, nos movimentos psicanalíticos, nas técnicas e na criação das instituições.

Foi possível verificar que, mesmo com os acontecimentos de conflitos e cisões, cada instituição criou seus próprios critérios de formação, porém, mantendo os três aspectos

fundamentais para a formação do psicanalista: a transmissão do conhecimento, a aprendizagem da técnica e a formação pessoal.

Outro desafio que se tinha pela frente foi ir além dos registros de dissolução das sociedades e da expulsão de Lacan, bastante divulgado na literatura dos estudos psicanalíticos e psicológicos, e poder mostrar a história. Para se falar da história da formação, fala-se também da doutrina; desse modo, considerou-se importante retornar, ainda que de modo breve, a trajetória de Breuer e Freud, desde o momento do tratamento de Berta Pappenheim até quando ele nomeia a técnica terapêutica utilizada na clínica de Psicanálise.

Apresentou-se a história de Freud com a psicanálise e como foram as orientações feitas para aqueles que pretendiam segui-la. Enfatizou-se, também, os estudos feitos na casa de Freud, a história da criação da primeira associação de psicanalistas – IPA e todas as tentativas de se criar uma comunidade de trabalho cuja finalidade fosse permitir a transmissão da psicanálise.

Para ilustrar a continuidade da teoria de Freud, fez-se necessário retomar os fundamentos da Escola de Lacan. Mostrou-se o percurso de Lacan, que teve grande importância na história da formação de psicanalistas, a fundação de instituições de formação e ensino, a inserção de novos métodos e técnicas introduzidos por ele na psicanálise.

Demonstraram-se algumas elaborações teóricas de autores que contribuíram e marcaram a história da experiência psicanalítica, por isso, a importância de se pesquisar e transmitir sobre a formação do psicanalista no contexto social-histórico na perspectiva teórica de Sigmund Freud e Jacques Lacan e sua crítica por Piera Aulagnier e Cornelius Castoriadis.

Verificou-se durante os estudos, que a pressa em pertencer a alguma instituição e garantir o título de psicanalista, leva a um conhecimento insuficiente e com falhas teóricas. O processo de formação analítica não consiste simplesmente na aquisição de conhecimentos que informam o analista. Trata-se também da desconstrução de um saber.

Era desta forma que Freud almejava realizar a formação do psicanalista, sendo ele médico ou não. Respeitando o tempo do inconsciente de paciente ou futuro analista para que este pudesse perceber o momento de sua própria permissão na prática analítica.

O método de Freud de observação e aproximação do psiquismo resultou na construção de um corpo teórico muito rico e promissor e que hoje é seguido por todos que se identificam com a formação.

Concordamos com Fuks (2011) sobre o que se espera de uma psicanalista após sua formação. A autora diz que se espera de um psicanalista que, em nenhuma circunstância, por

distinguir as forças mais enigmáticas da natureza humana, justifique condutas que venham a colocar em risco o laço social entre os homens. O saber psicanalítico não pode legitimar a crueldade, sob a pena de torna-la mais violenta. Por outro lado, o analista não deve, a rigor, alimentar o sonho de um futuro messiânico que possa vir a vencer as tendências humanas, cruéis e destrutivas.

## REFERÊNCIAS

AGNÈS, A. A Escola de Lacan. In: **Lacan, você conhece?** Trad. Luiz Paulo Rouanet. Cultura Editores Associados: São Paulo, 1993.

AGUIAR, F. Questões epistemológicas e metodológicas em psicanálise. **Jornal de Psicanálise**. São Paulo, 39 (70): 105-131, jun. 2006.

ALBERTI, S. Homenagem a Jacques Lacan por sua Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. **Folhetim. Revista de Psicanálise do Fórum do Campo Lacaniano**. Rio de Janeiro, n. 6, ano IX, 2007.

ALVES, E. F. **A Formação do Psicanalista: O Desejo e Alguns Outros**. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, SC, 2009. 79 f.

AYOUCHE, T.; CHARAFEDDINE. L. B. A homossexualidade dos analistas: história política e metapsicologia. **Percursos**, 2013, 51, pp.115-126. <halshs-01003874> Acesso em: 20 ago. 2015.

AULAGNIER, P. **A violência da Interpretação: Do pictograma ao enunciado**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1979.

\_\_\_\_\_. **Um intérprete em busca de sentido - I**. Tradutora Regina Steffen. São Paulo: Escuta, 1990.

\_\_\_\_\_. **Um intérprete em busca de sentido - II**. Tradutora Regina Steffen. São Paulo: Escuta, 1990.

\_\_\_\_\_. Nascimento de um corpo origem de uma história. Tradução de Vera Conrad. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. Vol. II, n. 3, 1999. Disponível em < <http://www.fundamentalpsychopathology.org/pagina-volume-2-numero-3-setembro-de-1999-308>>. Acesso em: ago. 2015.

BALDI, C. G. **Os afetos da Primeira Guerra Mundial na vida e na obra de Sigmund Freud**. Apresentação oral no III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental. Pathos: violência e poder. Niterói- RJ. 2008. Disponível em <<http://www.psicopatologiafundamental.org/pagina-temas-livres-459>> Acesso em: 10 fev. 2016.

BODDIN, C. Traços de singularidade da análise leiga em Freud. In: **Psicologia, Microrrupturas e Singularidades**. Org. Rogério Lustosa Bastos. Rio de Janeiro: E-pappers, 2003.

BITTENCOURT, J. B. de M. O pensamento social como ferramenta de transformação política: um diálogo entre Pierre Bourdieu e Cornelius Castoriadis. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. Ano 2. Vol.5. Dezembro de 2008. Disponível em <

<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/online/article/viewFile/399/372>>. Acesso em: 13 maio 2012.

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de Lei 3944/ 2000**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=20493>> Acesso em: 16 jan 2016.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações: CBO 2010**. p. 347. 3ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/fundo-de-amparo-ao-trabalhador/programas-acoes-fat/classificacao-brasileira-de-ocupacoes-cbo>> Acesso em: 20 de jan 2016.

BRITO, L. C. **A Formação do Psicanalista**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Rio de Janeiro: 2007. 102 f.

CASTORIADIS, C. **A Instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **As encruzilhadas do labirinto I**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Originalmente publicado em 1987.

\_\_\_\_\_. **Sujeito e verdade no mundo social-histórico: seminários 1986-1987, a criação humana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007.

CASTRO, R. D. As reflexões de Sigmund Freud sobre a guerra e a morte (1914-1915). **Revista Mal-estar e sociedade**. V. 3, n. 5. Disponível em: <<http://www.uemg.br/openjournal/index.php/malestar/article/view/39/67>> Acesso em: 20 jan 2016.

DRUBSCKY, C. A. **Até que ponto o narcisismo pode ser datado? Uma reflexão à luz das contribuições de Piera Aulagnier**. Tese (doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. 146 f.

DUNKER, C. I. L. - Aspectos Históricos da Psicanálise Pós-Freudiana In: **História da Psicologia - Rumos e Percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2006, v.1, p. 387-412.

FINGERMANN, D. A prova de psicanalista: a sua deformação. **Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba**. Associação psicanalítica de Curitiba, n. 30. Curitiba: Juruá, 2015.

FREUD, S. Publicações Pré-psicanalíticas e esboços inéditos. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. I. Direção de tradução por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1886-1889

\_\_\_\_\_. Estudos sobre Histeria. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1893-1895.

\_\_\_\_\_. Primeiras Publicações Psicanalíticas. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1893-1899.

\_\_\_\_\_. A Interpretação dos Sonhos I. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. IV. Direção de tradução por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1900.

\_\_\_\_\_. Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1913.

\_\_\_\_\_. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1912.

\_\_\_\_\_. Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1915.

\_\_\_\_\_. A História do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1914.

\_\_\_\_\_. Introdução a psicanálise e as neuroses de guerra. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1919.

\_\_\_\_\_. A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1926.

\_\_\_\_\_. Psicanálise. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1926.

\_\_\_\_\_. O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI. Direção de tradução por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1927-1931.

\_\_\_\_\_. Por que a guerra? In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XXII. Direção de tradução por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1933.

\_\_\_\_\_. Análise terminável e interminável. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XXIII. Direção de tradução por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1937.

\_\_\_\_\_. Construções em análise. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XXIII. Direção de tradução por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1937.

FUKS, B. B. Por que a crueldade? Notas para uma reflexão sobre a guerra e a paz. In: **Psicologia, violência e direitos humanos**. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. São Paulo-SP: CRP SP, 2011.

HERRMANN, F. Uma aventura: a tese psicanalítica. In: SILVA, M. E. L. (org.) **Investigação em psicanálise**. Campinas - SP: Papyrus, 1993.

JORGE, M. A. C.; FERREIRA, N. P. **Lacan, o grande freudiano**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

KNIJNIK, L.. FREUD E A GUERRA. **POLÊM!CA**, Rio de Janeiro, 11 abr. 2012.

Disponível em:

<<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/2994/2169>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

KOLTAI, Caterina. A tentação do bem: o caminho mais curto para o pior... **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 9-17, June 2002. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982002000100001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982002000100001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 jan. 2016.

LACAN, J. (1955-56). **O Seminário**. livro 3, 2. ed., Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1988. Originalmente publicado em 1955-1956.

\_\_\_\_\_. Discurso de Roma. In: **Outros Escritos**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradutora Vera Ribeiro. Revisão de Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003. Originalmente publicado em 1956.

\_\_\_\_\_. **O Seminário**, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008. Originalmente publicado em 1964.

\_\_\_\_\_. **Escritos**. Tradutora Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998. Originalmente publicado em 1966.

\_\_\_\_\_. Discurso de Roma. In: **Outros Escritos**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradutora Vera Ribeiro. Revisão de Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003. Originalmente publicado em 1953.

\_\_\_\_\_. Ato de fundação. In: **Outros Escritos**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradutora Vera Ribeiro. Revisão de Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003. Originalmente publicado em 1964.

\_\_\_\_\_. Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: **Outros Escritos**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradutora Vera Ribeiro. Revisão de Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003. Originalmente publicado em 1967.

\_\_\_\_\_. Proposição 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003. Originalmente publicado em 1967.

\_\_\_\_\_. Nota italiana. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003. Originalmente publicado em 1973.

\_\_\_\_\_. Carta de dissolução da EFP. **Catálogo 2006-2008**. Internacional dos Fóruns, Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano. Rio de Janeiro: Ed. brasileira. 2008. Originalmente publicado em 1980.

LAZZARI, J. R. **Theodor Adorno e Cornelius Castoriadis: dialética e emancipação**. Seminário Cornelius Castoriadis: Estudos Avançados em Filosofia. Projeto de Extensão do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas. Rio Grande do Sul, 2013.

LIMA, L. **O Mal-Estar na Civilização**. Resenha. 2007. Disponível em: <[www.palavraescuta.com.br/textos/o-mal-estar-na-civilizacao-1930-resenha](http://www.palavraescuta.com.br/textos/o-mal-estar-na-civilizacao-1930-resenha)>. Acesso em: 12 maio 2012.

LOBO, R. **Castoriadis, a reinvenção do sujeito**. Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. 174 f.

MACHADO, S. M. Sobre a Sistematização e Difusão do Conhecimento Psicanalítico em Freud. **Revista Científica Aprender**. ISSN 1983-5450 4. edição. 05/2011. Disponível em: <<http://revista.fundacaoaprender.org.br/index.php?id=138>> Acesso em: 16 mar. 2015.

MACHADO, M. N. M. Psicanálise e política no pensamento de Castoriadis. **Revista Psicologia Política**. n. 2. Volume 4, p. 297-304, 2002.

MANUAL PARA ELABORAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Ed. rev. e mod. São Leopoldo, 2015.

MAURANO, D. **Para que serve a psicanálise**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

MENDES, E. R. P. Sobre a supervisão. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 34, n. 64, dez. 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952012000300007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952012000300007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 23 abr. 2015.

MEZAN, R. Entre Londres e Paris, 1945-1975: Formação da Psicanálise Contemporânea. **Revista Brasileira de Psicanálise**. Volume 47. n.3, 15-26, 2013.

\_\_\_\_\_. Que significa pesquisa em psicanálise? In: SILVA, M. E. L. **Investigação em psicanálise**. Campinas: Papius, 1993.

\_\_\_\_\_. **O tronco e os ramos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PEDÓ, M. Interrogantes para a formação analítica. In: **Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba**. Passes e Impasse na formação analítica. n. 30. Curitiba: Juruá, 2015.

QUATRIÈME-GROUPE. **Biographie Piera Aulagnier**. Disponível em <<http://www.quatrieme-groupe.org/institution/membres-et-participants/biographie/33/piera-aulagnier>> Acesso em: 14 jan. 2015.

QUINET, A. **A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

REZENDE, A M. Investigação em psicanálise. In: SILVA, M. E. L. **Investigação em psicanálise**. Campinas: Papyrus, 1993.

RODRIGUES, H. de B. C. Cura, culpa e imaginário radical em Cornelius Castoriadis: percursos de um sócio-bárbaro. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 87-138, 1998. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65641998000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641998000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 jan 2016

ROTOLO, T. M. S. **O Elogio da política: Práxis e autonomia no pensamento de Cornelius Castoriadis**. Tese apresentada ao Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília para obtenção do título de doutor em ciência política. Brasília, 2001, 328 f.

ROUDINESCO, E. **História da Psicanálise na França: a batalha dos cem anos**. Volume 1: 1885-1939. Rio de Janeiro: Zahar, 1986-1989.

\_\_\_\_\_. **História da Psicanálise na França: a batalha dos cem anos**. Volume 2: 1925-1985. Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Zahar, 1986-1988.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. **Lacan, a despeito de tudo e de todos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ROUSTANG, F. **Lacan: do equívoco ao impasse**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

SAFOUAN, M. **O mal-estar na psicanálise – o terceiro na instituição e a análise de controle**. Campinas: Papyrus, 1996.

SCOTTI, S.; ALVES, E. F. O psicanalista só se autoriza por si mesmo... e por alguns outros. **Percorso 46 - A clínica do trauma**, ano XXIII - junho de 2011. 180 páginas. Disponível em <<http://www.revistapercorso.com.br/index.php?apg=home>>. Acesso em: 14 maio 2012.

SILVA, M. E. L. **Investigação em psicanálise**. Campinas: Papyrus, 1993.

SOCIEDADE PSICANALÍTICA ORTODOXA DO BRASIL. SITE OFICIAL <<http://www.spob.org.br/curso.php>> Acesso em: 16 jan. 2016.

SOUZA, C. B. **Recortes da Psicanálise – sobre o desejo de ser analista e outras questões**. Tese (doutorado). Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, SP, 1995. 366 f.

SCATOLIN, G. H. Contribuições de Piera Aulagnier à metapsicologia freudiana: um enfoque sobre os modos de funcionamento originário, primário e secundário para a constituição do Eu. **Psic. Rev.** São Paulo, volume 20, n.2, 145-165, 2011.

TAURO D. V. E.; BALTHAZAR, F. M.; FURTADO, V. C. Algumas contribuições de Cornelius Castoriadis para a psicanálise: da psique monádica ao ser social-histórico. **Revista Mnemosine** Vol. 4, n°2, p. 3-19, 2008.

TAURO D. V-E. Cornelius Castoriadis [1922-1997]. **Intermeio, Revista do Mestrado em Educação.** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. n. 19, p. 4-18, 2003-2004.

\_\_\_\_\_. **Educação e democracia nas encruzilhadas da filosofia e política:** incursões a partir da obra de Cornelius Castoriadis. Relatório final do estágio de pós- doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2012. 117 f.

VALABREGA, J. P. **Déclaration sur les principes organisateurs, fonctionnels et formateurs consideres comme nécessaires dans un groupe de psychanalystes** (1969). Disponível em: < <http://www.quatrieme-groupe.org/>> Acesso em: 20 fev. 2015.

VILLARI, Rafael Andrés. Entre Viena e Londres: uma visita à casa de Sigmund Freud. **Psicologia ciência e profissão.** Brasília, v. 20, n. 3, p. 2-7, Set. 2000. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932000000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 8 jan. 2016.

VIOLANTE, M. L. V. **Piera Aulagnier:** uma contribuição à obra de Freud. São Paulo: Via Lettera e Livraria, 2001. 192 f.

ZAROWSKY, P. O cartel ou o gonzo da Escola. *In Wunsch 6.* Boletim Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Disponível em: <<http://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch6.pdf>> Acesso em: 30 ago. 2014>

ZIMERMAN, D. **Vocabulário contemporâneo da psicanálise.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.